VIAGEM EXTATICA

AO

TEMPLO DA SABEDORIA

POEMA

EM QUATRO CANTOS

DE

JOSE AGOSTINHO DE MACEDO.

TERCEIRA EDICÇÃO.

Diogo Rosa Machado

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO;

Rua das Hortas n.º 105.

1854.

VIAGEM EXTATICA

AO

TEMPLO DA SABEDORIA

POEMA

EM QUATRO CANTOS

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO;

Rua d'Almada n.º 388.

1854.

Non enim res gestœ versibus comprehendendœ sunt; id enim longe melius Historici faciunt; sed per ambages Deorumque ministeria præcipitandus est liber spiritus, ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quam religiosæ Orationis sub testibus fides.

PETRONIO ARBITRO.

Mandado imprimir por *Francisco Pereira de Azevedo.*

ADVERTENCIA.

SINTO apagar-se-me a luz da existencia, e no momento de se extinguir he natural que derrame hum maior clarão; assim considero o presente Poema de hum genero inteiramente novo: reuni todas as minhas forças, quaes podião ser as de huma idade decadente, e até as do momento do sol-posto da vida, e as de huma imaginação fatigada com tantos, e tão variados Escriptos, quaes são os que tenho publicado até agora, e que bastavão para fazer conhecer á Posteridade que eu existíra no Mundo. He alguma cousa o Poema — A Meditação; — he alguma cousa mais o Poema Epico — O Oriente, — ao menos provarão que eu procurei dar ao talento da Poesia hum emprego digno da sua

*

grandeza, elevação, e magestade; porque esta Arte, verdadeiramente Divina, nunca deve ser baixamente empregada. Não me satisfazião ou contentavão ainda estes penosos trabalhos; recolhi quanto pude o fugitivo alento, e quiz sujeitar a numeros cadentes, ou Eloquencia harmoniosa, que esta he a definição da Poesia, o deposito de conhecimentos, que por tão largos annos de estudos tinha adquirido na vasta, e nunca acabada carreira das Sciencias.

A Ficção, mas verosimil, he mui propria da Poesia, e da grande Poesia; nella não he admissivel aquella ordem, e encadeamento de cousas, que os Historiadores seguem, quando nos offerecem o Quadro dos humanos acontecimentos. O fogo, que escalda a alma de hum Poeta, não he a regoa, e o compasso, que dirige a penna do Historiador; e quando eu dou o titulo ao Poema, e lhe chamo — *Viagem Extatica* — dou a conhecer que he hum arrebatamento, hum excesso mental, e hum sublime delirio, cuja linguagem, e cuja expressão são as imagens, levantando sobre hum fundamento verdadeiro, qual he a existen-

cia de tantos homens distinctissimos na humana Sabedoria, hum edificio fantastico, qual he hum Templo consagrado pelas mãos da Immortalidade á mesma personalisada Sabedoria.

E poderei acaso dizer deste Poema o mesmo que com verdade se pode affirmar do Poema a *Meditação*, e do *Oriente*: *Proles sine matre creata?* Sim; porque nenhum Exemplar tive diante dos olhos. O *Itinerario extatico* do Jesuita *Kirker* não he o Templo da Sabedoria; a *Viagem ao Mundo de Descartes* não he o Templo da Sabedoria; menos o he a *Pluralidade dos Mundos*, engenhosa ficção de Bernardo de Fontenelle; ó *Templo da Memoria* de *Manoel de Galhegos* nenhuma relação tem com o *Templo da Sabedoria*, mais do que a identidade do nome — *Templo.* — Eu colloco neste Alcaçar os primeiros d'entre os homens, que desde a origem das Sciencias, pela contemplação da Natureza, até estes ultimos tempos mais se distinguírão, não ficando o Poema huma simples nomenclatura, ou catalogo esteril, mas como hum Arsenal dos conhecimentos humanos; e para se saber o que cada hum delles fez, he preciso ter

lido alguma cousa do que elles escrevêrão; porque ainda que os Diccionarios digão o que he, não dizem como he.

Ardua, e difficil composição! Como he possivel vestir com as roupas da Poesia materias tão aridas, e tão graves? *Et angustis his addere rebus honorem?* Hum Poema não he a Historia das Sciencias, nem he o Quadro da Literatura. Vencer esta difficuldade he comprovar plenamente hum grande esforço de engenho, ou hum desmedido excesso de trabalho; delle ajuizará a imparcial Posteridade, e talvez confesse, que este Poema suspendêo por algum tempo mais o precipicio da Poesia Portugueza do presente seculo no abysmo da irrisão, e do despreso.

Nunca se tratou neste Reino da sua Historia Literaria das Idades da nossa Lingua, e muito menos da Historia, e vicissitudes da sua Poesia. Se até agora se não tem lançado mão deste tão proficuo, e necessario trabalho, e que tanto nos faria conhecer entre as Nações cultas, e civilisadas da Europa, menos se darão agora a elle nestes dias da invasão do Liberalismo, ou mais

depressa do Vandalismo , em que não só se deprimio tanto o caracter dos Portuguezes , mas se amortecêo de todo o sagrado fogo do amor , e da cultura das boas Artes , por que tanto nos ennobrecemos , e affamámos naquelles seculos , chamados pela fatuidade deste , barbaros , e servis. Por este Quadro historico veriamos, que quanto nos fazia grandes nas Artes liberaes , e nas Sciencias , tem chegado ao extremo ponto da declinação. Limito-me unicamente á Poesia, de que agora trato. Ao impulso natural dos Portuguezes para esta Arte tão difficultosa , e tão profanada se ajuntárão as circumstancias , que podião fazer desenvolver maravilhosamente este genio , ou este talento. Certo espirito cavalleiresco nas continuadas lides com os Sarracenos , hum certo amor heroico , e delicado ao fragil sexo , modelado sobre as ideas do Platonismo , e alimentado pela suavidade , e doçura do Clima , e que tão manifesta influencia tem nas affeições da alma , e sentimentos do coração , de que nascião aquelles descantes honestos , dados no relento da noite debaixo dos balcões , não digo das amantes , mas

das idolatradas; aquelles saráos extremosos, a que presidia não só a gravidade, mas a magestade; aquellas Justas, Canas, e Torneyos, em que nas côres dos vestidos, e dos diversos adornos dos Elmos, e dos Pavezes se davão a conhecer diveersas tenções, que fallavão aos olhos das amadas; porque se huma vestia de leonado, e esta era a côr do donaire, e do guarda-pé, tambem esta era a côr dos listões, ou fitas, que fluctuavão no conto da lança, que brandia o Cavalleiro, que a cortejava; isto abrazava as almas no fogo da Poesia, e daqui nascêrão tantas, e tão suaves Canções, e tão namoradas Trovas, como as do magoado Chrisfal, ou Christovão Falcão, que de sentido se retirou da Ribeira do Niza para as Ribeiras do Ganges: daqui nascêrão as *Saudades*, e gemidos de *Bernardim Ribeiro* naquelle Romance da *Menina e Moça*, que outra sorte, e outra estima devia ter entre os Portuguezes, por ser o primeiro, que em tal genero apparecêo na Europa; e depois delle a *Diana* de *Jorge de Monte-mór*, tão acima da Astréa do velho Francez *D'Urfé*.

Depois desta circumstancia impulsiva, que tão Poetas fez os antigos Portuguezes, houve outra que ainda lhes ateou mais este divino fogo. A passagem do Mar, a conquista de Ceuta, a tomada, e a entrada de tantas Fortalezas na Mauritania Tingitana, os continuos, e sanguinosos recontros com os Ismaelitas, e os Troféos do valor alli ganhados, que hum ou outro ainda conservado titulo nos faz conhecer; e depois deste memorando feito, as longas navegações por todos os mares, o conhecimento, e a conquista de tantas Nações, e tão diversos Povos, a luta continua com Elementos, as sanguinosas batalhas no Mar, e na Terra, os tufões medonhos, as tempestades espantosas, os naufragios miserandos, as victorias estrepitosas, e mais que as de Alexandre (a quem fizerão maior as paginas de Quinto Curcio, e os pinceis de *Le-Brum*), os prodigios da Natureza obervados nas montanhas além das nuvens, e em Rios de oitenta legoas de foz, as viagens, e irrupções em tão remotos climas, chegando a armar Cavalleiros no mais alto cume do Monte Sinay, fizerão os Portuguezes de

hum caracter verdadeiramente Epico: então apparecêo o *Cerco de Diu* por *Francisco de Andrade*, as *Lusiadas* de *Luiz de Camões*, a *Malaca Conquistada* de *Francisco de Sá de Menezes*, o *Naufragio de Sepulveda* de *Jeronymo Corterea1*; e então todos aquelles Poetas, nenhum mediocre em seu genero, porque he grande *Antonio Ferreira*, grande *Diogo Bernardes*, grande, e perfeitissimo *Fernão Alvares do Oriente*, e delicadissimo *Francisco Rodrigues Lobo.* Com estes nomes ainda nos sustentámos, e acreditámos; mas que fatalidade! Quando entrou em eclipse a gloria da Nação, passando a dominio estranho, tambem entrou, para nunca mais emergir, o Astro brilhantissimo da sua Poesia. Cahio tudo a impulso da corrupção estranha nesta divina Arte. Periodo funesto, em que se contão mais Poetas, e os peores Poetas pela depravação, e contaminação do gosto. Quanto foi apparecendo na classe dos Epicos he péssimo. Já he o seiscentismo antes do seiscentismo. São intoleraveis (no todo) o *Machabeo* de *Miguel da Silveira*, o *Alfonso* de *Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos* (susteve-se neste tempo *Vas-*

co Mouzinho de Quevedo no *Affonso Africano)*, o *Virginidos* de *Barbuda*, o *Viriato Tragico* de *Braz Garcia Mascarenhas*, a *Hespanha Libertada* de *D. Bernarda Ferreira de Lacerda*, etc. Algum alento tem de vida neste desgraçado periodo *Paulo Gonçalves de Andrade*, e eu não sei que tropôr dêo no mesmo *Francisco Rodrigues Lobo* no seu *Condestabre*, porque hum homem tão valente não merecia Versos tão frôxos. Tudo cahio em inanição, e não sei como escapárão deste contagio de pulmonia *Gabriel Pereira de Castro*, e *Antonio de Sousa de Macedo* no seu *Ulyssipo*, que a rivalidade fez apparecer, mas não igualou a Ulyssea! Digamos que por cento e cincoenta annos a Poesia Portugueza não foi Poesia, foi delirio, ou foi vergonha. Fallão os Documentos ainda existentes, e são hum aresto, que prova até que ponto pode debilitar-se, e corromper-se o espirito humano. *João Baptista Marini*, Italiano, corrompeo *Luiz de Gongora*, Castelhano; e como da peste de hum individuo pode nascer a peste de hum Reino inteiro, com os Filippes, que nos tirárão a independencia, fazendo Provincia do que

era Reino, *Luiz de Gongora* nos tirou da liberdade da natureza em Poesia, e nos entregou ao imperio dos trocadilhos, e dos conceitos: o gordo volume da *Filis, e Demofante* de *Antonio da Fonceca Soares*, isto he, do Veneravel *Frei Antonio das Chagas*, nos estragou o gosto, estrago que ainda ha poucos annos se conservava *n'alma triste do Pina.* Ajuntem-se as Collecções da *Feniz Renascida*, da *Academia dos Singulares* da *Academia dos Anonimos*; ajunte-se-lhe a *Henriqueida* de D. *Francisco Xavier de Menezes*, Conde da Ericeira, que apparecêo no meio do diluvio de Versos em grossos volumes á morte da Infanta *D. Francisca*, e nos farão rebentar lagrimas de dôr, ou huma grande estalada de riso á vista de tanto desproposito, e de tanto vilipendio da humana rasão, tanto mais para lamentar, quanto mais perto estavão da vista dos Portuguezes os seus magnificos, e originaes Exemplares, galeria que se fechou com o *Ulyssipo* de *Antonio de Sousa de Macedo.*

A leitura, e estudo dos antigos Italianos fez os nossos antigos Poetas; por certo *Luiz de Camões* lia as Rimas de *Petrarcha*, e o *Amadiz*

de *Bernardo Tasso*, Pai do grande *Torcato.* Da mesma sorte a leitura, e o estudo dos bons Poetas Italianos modernos, isto he, dos que apparecêrão ao começar do seculo 18.°, despertou o amortecido fogo do genio de alguns Portuguezes, e virão no claro espelho das producções Italianas qual era o charco, em que vivião atolados; lembrárão-se dos nossos bons antigos, e lhes seguião o estilo; elles procurárão reproduzir a linguagem, dos Italianos tomárão as formulas. Com a efémera Arcadia (porque logo morreo na sua juventude) raiou a primeira aurora do bom gosto. As Odes Pindaricas do admiravel *Gabriel Chiabrera*, e de *Filicaia*, e de *Alexandre Guidi* são os moldes, em que se vasárão as de *Antonio Diniz*, que posto sejão tão monótonas, que quem lêr huma tem lido todas, mostrão ao menos, que começámos a sahir do segundo, e mais central eclipse. No genero Lyrico, e Bucolico muitas Composições apparecêrão, que com sobeja razão se apoderárão da Posteridade. *Pedro Antonio Corrêa Garção*, e *Domingos dos Reis Quita*, e *Frei José Durão* com o seu *Caramurú*, a quem só falta

a antiguidade para se reputarem grandes, começárão a sustentar a magestade, e a gloria da Poezia Portugueza. Eu conheci estes tres homens, e com o terceiro tratei de mui perto. Desde a morte destes homens começou a apparecer outra vez aos solavancos a Poesia. Morrêo apenas nascida a *Joanneida* de *Corrêa de Mello*; e o Poema chamado *O Terremoto de* 1755 he huma tontice da decrepitude do seu Auctor, e huma prova de quanto pode a metromania. Não fallo nas traducções, que tem apparecido, e com que muitos homens, reputados grandes, quizerão mostrar ao Mundo, que nelle existião; porque não ha cousa mais ociosa que más Copias de soberbos Originaes: Ministros de Estado, cujos nomes serão immortaes nos fastos da Diplomacia Europea, e Brasilica, *Barca*, *Aguiar*, *Targini*, *o maximo* Financeiro do seculo 19.°, renunciando a gloria de arbitros dos Negocios do novo, e do antigo Continente, quizerão antes parecer Auctores, Traductores, e Copiadores de huma Elegia de *Grai*, e os dous de hum retalho de *Pope*, com que lhes pareceo occupar as primeiras Sédes do Monte-bipartido;

e com isto nos colheo a calamidade espantosa do liberalismo em 1820. Ao apparecimento desta nova Era as Sciencias, e todas as Artes de imitação, mettidas na sepultura do embrutecimento, cedêrão o grande campo das Letras Divinas, e humanas á unica intelligencia, ao unico estudo (como os Musulmanos com o Alcorão) do Codigo peregrino, embutido tambem, como o Alcorão, a ferro, a fogo, a exterminio, e a morte. A sciencia do homem he a sciencia do Codigo, onde está o poder quadri-partido, sobrenatural inspiração, a que em nenhum seculo chegou, nem jámais chegará o entendimento humano!

A obstupefacção, que se apoderou dos homens á vista desta maravilha, lhes seccou, empedernio, e esterilisou a alma. Nós os Portuguezes fomos os mais tocados deste estupor: nós o experimentamos; nunca mais appareceo hum monumento devido á Arte da Poesia; paralisou-se esta nobre impulsão da Natureza; mas involvido eu tambem neste universal silencio, quiz dar, ou devia dar o ultimo arranco: foi o presente Poema, de longo tempo disposto, e preparado:

a sua publicação he a ultima verba do meu Literario Testamento. Existem ainda entre tantas ruinas alguns homens illustrados, a quem não são desconhecidos os thesouros das Sciencias, e da Erudição, e para os quaes as Letras não são hum delicto; para estes o publíco. Talvez que não digão o que *Propercio* disse vendo publicada a Eneida de Virgilio: *Cedite Romani Scriptores, cedite Graii; nescio quid maius nascitur Iliade*; mas por certo dirão, que não tem Portugal outro semelhante, nem pela forma, nem pela materia, e talvez se não encontre entre as Nações estranhas, onde não he muito vulgar o enlace da Poesia com a Filosofia. Por certo dirão, que he de hum genero novo, e não encontrado, nem na Poesia Romantica dos Alemães, nem na Descriptiva dos Francezes, nem na Erotica dos Italianos. Os petrificados Regeneradores Politicos, ou subversores dos Povos olharão para o trabalho de tantos conhecimentos com aquella fria indifferença, com que os salteadores costumão olhar para hum cadaver, quando o despem, e despojão; ou com aquelle sorriso maligno, com que

contemplão as ruinas de huma Nação por elles regenerada, e roubada; mas eu tanto os desprezo em Letras, como os tenho desprezado na Politica. Costumão os Escriptores appellar para o juizo imparcial da Posteridade, quando se verifica o texto: *Pascitur in vivis Livor, post fata quiescit.* Parece-me que este Tribunal desapparecêo da terra; porque a Posteridade, segundo o estado, em que nos poz o Liberalismo, será como a presente Idade, porque o infausto rio, que já corre, quanto mais correr mais se engrossará. Acabo com esta advertencia, dizendo que fui Frade, e como este Estado, até depois de se não ter, priva o homem do direito da sua ultima vontade, ao menos deixem-me as Leis dizer, que deixo, e por isto deixo o meu corpo áquelle lugar da terra, em que o quizerem enterrar, o meu nome ao esquecimento, e o que tenho escripto ao escarmento dos homens, para não escreverem, nem receberem a recompensa, que eu tenho recebido; e ainda bem; porque nada deixo, e nada levo, que tenha de agradecer.

VIAGEM EXTATICA

AO

TEMPLO DA SABEDORIA.

CANTO I.

De estrellas recamada a noite umbrosa
Cedia o campo azul do immenso espaço
A' doce luz da matutina Aurora,
De seu rosto purpureo, e mãos de neve,
Como brilhantes perolas, cahião
Do fresco orvalho transparentes gotas
Sobre os risonhos prados, que parece
Darem maior realce ao verde esmalte,
Com que opulenta Natureza os veste.
Já de escarlata, e d'ouro ondas immensas

*

Nos Ceos Orientaes se diffundião:
Os rorejantes Zefiros co'as azas
Davão ligeiro movimento ás folhas
Das verdejantes arvores copadas;
E do meigo Favonio ao doce assopro
Do brando somno as Flores despertavão,
Offerecendo á sussurrante Abelha
No calice mimoso o nectar puro.
Quasi o limbo do disco auri-splendente
No purpureo Horisonte apparecia.
Co'a primeira effusão da luz serena
Já da nocturna sombra o Mundo emerge,
E aos olhos dos mortaes se mostra o Mundo.
A vaga turba aligera acordando
Nos hymnos matinaes tributos dava
Dos Ceos, e Terra ao Arbitro Supremo,
A cujo eterno aceno a Natureza
Tem leis, tem ordem, movimento, e vida.
A' desgraça esquecido, e aligeirado,
De hum cuidado voraz o pezo immenso

Do mago somno o balsamo gostoso
Os trabalhados membros me prendia,
Dando á minha alma momentanea tregoa
A herança minha, lugubre amargura;
Nesta pausa da rapida existencia,
Em que a dôr se não sente, o mal se ignora,
Eu sinto arrebatar-me, e como, e aonde,
Eu não sei declarar.... Subi nas azas
De sobre humanos extasis, que soltão
Das corporeas prisões a alma elevada,
Além da habitação terrena, e triste.
Sonho, sonho não foi, que mil confusas
Na fantasia imagens atropella:
Extasis foi somente, e conduzido
De hum Genio habitador do excelso Olympo
(Eu a meu lado o vi), que me franquêa
Ferrolhados umbraes de eterno arcano,
E n'hum centro de luz me amostra o Quadro
Da varia Natureza, e sempre a mesma.
Do grande Scipião dest'arte á vista

Os immortaes Alcáceres se abrirão.
Do centro escuro das espessas nuvens,
Que aos frageis olhos dos mortaes escondem
Os Quadros do Futuro, a voz escuta
De hum Divinal Oraculo, que a estrada
Lhe marca da Virtude, e que lhe mostra
Os Fados, que hão de ter Carthago, e Roma.

Já pizo o aério Cume, e Luz immensa
Já se diffunde, e se m'espalha em torno.
Como do meio do profundo Oceano
Costuma alçar-se escolho alto, e fragoso,
Que vê na eterna base espedaçar-se
Com furia inutil resonante vága;
Se olha de cima as nuvens voadoras,
Que em sonoros chuveiros se desatão,
E se escuta o fragor de accesos raios,
Sereno, immovel permanece; apenas
A densa escuridão lhe cinge as faldas,
E muge apenas pela base o vento.
Tal extatico subo, e tal me elevo

Onde não chega fluctuando a nuvem.
Hum mais puro ambiente , e luz mais viva
Bebo em torrentes, descobrindo, incerto
Grossa sombra pousar na Terra inerte ,
Que nas remotas solidões aéreas
Gira sem propria luz, Planeta inglorio.
No regaço da paz serena, e doce
Se me antólha voar no espaço ignoto ,
Entre sublimes extasis bradando :
Não he este , não he terreno alvergue
Do Ente pensador mesquinha estancia.
Eu vejo hum Ceo mais puro , e vejo eterna
Mais doce Primavera , e mais viçosa ,
Mais recendentes, variadas flores,
Deliciosa sombra, amenos bosques ,
Onde habita o prazer, onde o susurro
De equilibrado Zefiro suave
Socego , e paz inspira, e a mente eleva
Do Poeta , e Filosofo á sublime
Contemplação de maravilhas tantas ,

Que no Quadro do Mundo ostenta, e mostra
Seu Soberano Auctor. Correm perennes
De outras fontes caudáes serenas aguas.
Não sоão écos do trovão ruidoso;
O ar he sempre puro, o Ceo tranquillo;
He sempre claro o dia, he doce a noite.
Nunca prodigios taes, nunca taes scenas
Póde aos olhos mostrar Terraqueo Globo!
Sem véos aqui descubro, aqui contemplo
Essa impalpavel, fluida substancia,
Que esta terrena habitação circunda,
Que tanto se dilata, e tanto estende,
Que foge sempre ao calculo seu termo.
Fluctuão nella as nuvens vagabundas,
Nella se acolhem turbidos vapores,
E mil varios fenomenos se mostrão:
O horrisono trovão, raio espantoso,
Vivos listões da Boreal Aurora,
O estandarte da Paz, que hum Deos desprega
Na espessa nuvem, que orvalhosa pára,

Segurando aos mortaes , que nunca a terra
Submersa ficará nas turvas ondas
De hum mar universal , onde aboiára
O lenho guardador da especie humana.
No seio , e superficie inda descubro
Sinaes eternos do funesto abalo ,
Na face irregular do Globo os vejo.
Oh ! da Divina mão alto infinito
Poder sempre sentido ! Se atmosfera
Não refrangesse em si do Sol os raios ,
Não se virão brilhar n'azul campina
N'huma distancia indifinita os Astros !
Nem o doce crepusculo se vira ,
Ou quando o claro Sol no mar se atufa ,
Nem todo he dia , nem he noite o Mundo ,
Entre purpura , e sombra a vista incerta !
Ou quando pelo rubido Oriente
Hum dourado Listão se observa apenas ,
Nuncio do Sol, que fulgurante assoma
Poucos momentos se demora , á vista ,

Rompe o Astro nos Ceos da Luz origem,
O portentoso pélago de fogo,
Que accende, e reproduz do Eterno a dextra,
Centro fixo, e commum de Globos vastos,
Gravitação reciproca lhes basta;
He esta a simples lei, que promulgára,
Quando o ser lhes quiz dar, Motor eterno.

A Lua já descubro, e vejo os mares,
Os caudalosos, e perennes rios,
Que parecem da Terra obscuras manchas,
Quando o mortal de lá seus olhos fita
No formoso espectaculo da noite,
E essa azulada abobada contempla,
Que milhões, e milhões d'Estrellas bordão.
Ilhas descubro, altissimas montanhas,
De cuja aérea frente se derrama
A luz reflexa, que na Terra bate;
Luz, que lhe envia, e lhe diffunde o Astro,
Que no centro do circulo pasmoso
O Systema Solar se diz, e chama.

Seu moto desigual vejo, e contemplo,
Donde procede o variado aspecto,
Com que sempre nos Ceos se mostra aos olhos,
No eixo obliquo de seu giro errante,
Do pensador Astrónomo tormento,
Pois jámais a seus calculos se ajusta.

Do Systema Solar como aberrantes,
Em torno d'outro centro, eu vejo a tôrva
Ignea face de excentricos Cometas,
Tardios em mostrar-se, infaustos sempre
Ao vulgo indouto, aos pallidos Tyrannos,
Em cujas mãos vacilla o Sceptro, e nunca
Fixo na frente o Diadéma existe:
Astros são, mas incognitos na marcha;
Tem differente impulso, e leis diversas;
Talvez futuros seculos as mostrem,
E se espantem talvez tardios netos
De nos ser escondido inda o mysterio
Da portentosa machina do Mundo.

Quantas contemplo lucidas Estrellas!

Tantos Astros centraes! Ah! quantos Mundos
Nos descobrem da Noite os véos augustos
Por aquella extensão vasta, infinita,
Que até da Fantasia as azas cança!
Ao Vate impõe silencio! Hum Deos he Tudo!
O escrutador da Magestade eterna
Da sua mesma gloria oppresso fica!
Da Creação no Quadro immenso, e vario
Eu só prodigios, e milagres vejo.

Qual o que sobe do Apenino ao cume,
Que vai nos ares topetar co'as nuvens,
E pelo immenso plano alonga os olhos,
Onde outr'ora s'ergueo Latino Imperio,
Grandes Cidades vê, campinas ferteis,
E os restos immortaes do fasto, e gloria,
Que inda em quebrados marmores avulta,
Vê longos rios fecundando a terra,
E no Tirreno mar, d'Adria nas ondas
Altas Náos vê rasgando o dorso a Thetis,
Depois que ávida vista em scenas tantas

Hum pouco apascentou, turvado, absorto
Dentro em si mesmo se concentra, e fica
Altas idéas revolvendo, quantas,
Da Natureza, e da Fortuna os trances
A seus olhos attonitos descobrem;
Taes eu na Terra, e Ceos, nos Mares vejo
Os continuos fenomenos pasmosos
Da complicada machina do Mundo.
Do Mar vejo surgir, sobindo aos ares,
Pelos raios do Sol como attrahidas
As humidas particulas dispersas,
Mais ligeiras, que o ar, nelle fluctuão.
Dellas a vida tem, dellas procedem
As nuvens densas, nevoas importunas,
Que a varia reflexão dos igneos raios,
Que nellas se refrangem, me offerece
Hum quadro encantador, que só podéra
Traçar da Natureza a mão somente,
Que a força sobrepuja, o vôo excede,
Do que pode o Pintor, ou pode o Vate.

Nos rarefeitos ares eu descubro
Do vago vento a origem não sabida,
Arcano sempre aos seculos incognito.
Celestes dons do paternal desvelo
Da bemfazeja eterna Providencia.
Na limpida campina do Oceano,
Levão de hum Polo a outro ousados Pinhos
Muitas vezes o bem, e o mal mais vezes.
Se em perfeito equilibrio os ares pousão,
Não brame o vento, não, mas quem perturba
Esta serena paz, calma suave?
Quem rouba ao ar pacifico equilibrio?
Pode hum Vate romper tão densas sombras!
Nellas s'involve a Natureza, e nellas
A sua augusta magestade esconde.
Talvez, talvez que exhalações, que rompem
Do terreo Globo, e furnas tenebrosas,
Talvez, talvez que a rotação diurna
Da mesma Terra nos seus eixos seja
Deste mysterio incognito o principio.

Já com elles se agitão, se misturão
As espalhadas nuvens fluctuantes;
Do frio agudo comprimidas tornão
A seu berço terreno, e primitivo,
Em chuva salutar desfeitas descem;
Mas se o frio he maior, candidos véllos
Conduzidos do vento os campos cobrem,
Quando o Inverno desprega inertes azas,
Com triste escuridão tapando os ares;
Ou com miudas gotas condensadas,
Nas ondeantes mésses esparsidas,
Ao desvelado Lavrador conduzem,
Depois de longo affan, tristeza, e pranto.

Repentino relampago me assusta,
Ouço horrendo trovão, vejo espantoso
Trilho abrazado do sulfureo raio,
Arma nas mãos do Eterno, arma espantosa,
Que sempre aterra o máo, e humilha o justo.
Onde se forja, e se prepara a seta,
Que tão rapida vem, que as nuvens rasga!

Grosso vapor subindo eu vejo aos ares
De enxôfre, e nitro, alcalicos diversos,
Que o Sol ardente attrahe, e o vento os leva;
Com violento impulso então fermentão,
Prestes se accendem, subito nos mandão
Essa pállida luz, sempre seguida
D'alto fragor, que estremecer nos eixos
Faz a terrestre machina, descendo
A chamma rapidissima, que abate
Quanto encontra na subita carreira;
Em rapidez excede a ardente bala,
Que do bronzeo canhão troando rompe.

A massa do vapor de aspecto muda,
Nem sempre he raio estrepitoso, vejo
As agudas Pyramides, as Traves,
O flammejante Drago, e em noite estiva
As que parecem lucidas estrellas,
Que vão deixando luminosos sulcos.
Esse usado a brilhar no algente Pólo,
Sem activo calor, brilhante fogo

Que hum resto he só maravilhoso, e bello
Dessas da luz undulações pasmosas,
Que detidas do ar no bojo immenso
Formão brilhantes Boreaes Auroras.
Ao rúbido horisonte em parallela
Linha se mostrão, se mais baixas correm,
Ou n'hum centro commum s'unem subindo;
Mas exhaladas as porções sulfureas
Pouco a pouco do ar desapparecem,
Deixando apenas ao gelado Norte
Momentaneo crepusculo brilhante.

Se d'outro lado absorto os olhos volvo,
De multi-forme côr descubro a Nuncia
De aurea, serena paz, Iris formosa.
A doce reflexão de accezas luzes,
Unida á refracção sobre as miudas
Da fria chuva gotas transparentes,
A septi-forme côr promptas lhe imprimem.

Em scenas taes detenho o pensamento;
Em scenas taes, extaticos meus olhos,

Em augusto silencio absorto eu fico.
Eu só do fundo de meu peito exhalo,
Não os ais d'afflicção, de assombro o grito!
   Descubro em tudo hum Deos! Do cego Acaso
Não podião ser obra os Ceos, e a Terra!
De Omnipotente Artifice só forão,
Eterna Intelligencia, Eterna Força!
A cuja voz sahio do Nada o Mundo,
A cuja voz o Mundo ao Nada torna.
Nesta estendida cúpula azulada
Vejo dispersos, e rotantes Mundos,
Vejo o Sol, vejo a Lua, o dia, a sombra,
Constante alternativa! A Luz, os Ares
São cifras, em que escreve a mão suprema
De hum Ente Summo, Sapiente, Immenso.
Na flor, na planta, no mimoso fructo,
No que s'esconde, insecto pequenino,
Que se não mostra aos olhos desarmados,
E só com Lente aumentadora observo
Como impalpavel átomo mover-se.

Nos varios animaes, nos rostos varios,
Eu nas côres, nos sons, eu n'alma o vejo
Almo thesouro de Clemencia Eterna.
Ella enriquece a Terra, e a vejo em tantas
Tão varias producções na especie eternas;
E do profundo mar no escuro abysmo,
No giro deste Globo, e Ceos immensos;
Na formosura do visivel Quadro,
Que a mesma Terra, e Ceo me amostra aos olhos;
E no inconstante mar, que absorto admiro,
Se da estancia tranquilla, em que medito,
Suspenso hum pouco a elle a vista espalho.
Na invariavel Lei, por que se movem
Pelas prescriptas orbitas os Astros:
Em toda a parte encontro, observo em tudo,
De huma Infinita Sapiencia a marcha.
Tudo, tudo me diz que hum Deos existe,
Que he sempiterno Rei de Imperio Eterno.
A' Luz ordena que me aclare, e manda
Ao Ar, que me sustente, e a vida aspiro.

Elle o calor produz, que o vital germe
Em successivas gerações conserva.
Elle o dia formou, nelle ao trabalho
O mesmo Rei da creação destina,
Elle a noite produz, com ella em sombras
Da fria Terra a machina sepulta,
Em que o corpo mortal restaure a força,
Com que ao surgir d'Aurora matutina
A seu cuidado torne, e a seu trabalho.

Porque discorro, existo; eu sinto dentro
De mim, que penso, sensações diversas.
Quando incorporeo ser d'alma contemplo,
Do Supremo Motor vejo huma imagem;
E não direi, que me sustenta, e rege
Este Ser Immortal, Sabio, Infinito?
Té da materia o movimento o prova.
Ella inerte de si, da inercia sua
Não podéra sahir sem força externa,
De cujo impulso nasce o movimento;
A materia o não tem na essencia sua,

Só vem da Eterna Causa Omnipotente,
Que existe por si mesma. Unico aceno
Ao vasto Mundo fez, moveo-se o Mundo;
Nos eixos seus a machina pasmosa
A girar começou, e então parára
Se a voz do Eterno lhe dissera — Basta.
Em taes idéas recolhido estava,
Dentro em mim mesmo contemplando o Quadro,
Que he sempre antigo, e novo, e sempre he bello;
Pois he obra de hum Deos a Natureza.
He este o meu prazer, o estudo he este!
No mais subido cume então descubro
Deste fulgente Olympo erguido hum Templo,
Cuja pomposa, estranha architectura
Nem alma concebêo, nem olhos virão,
Nem delle idéa dão, nem dar podérão,
Se inda os de Menfis, e Palmira aos ares
Levantassem as cupulas douradas,
Como inda os finos marmores quebrados
Entre os desertos areaes nos clàmão.

De lucido cristal alto-esplendente
Se levantava altissima fachada ,
Arcos , columnas , architraves , tudo
De pedraria Oriental s'eleva ,
Onde huma luz celestial batendo ,
Despedia revérberos brilhantes :
Levado aos Ceos o collossal zimborio ,
Qual de Narsinga o Diamante fulge.
Quem dá força a meu Estro , e quem sustenta
Meus arriscados temerarios vôos ?
Como á Verdade franquear eu devo
Té agora as bronseas ferrolhadas portas
De crença , a cuja luz não seja avára
A turba indocil de inconstante Vulgo !
Longe de mim profanos ! Se tu reges ,
Se tu mesma , ó Verdade , o Canto animas ,
Se tu me affinas Cithara toante ,
Para o Templo Celeste apresso os passos ,
E de linguas mordazes não receio
O fundo golpe , o livido veneno.

Do seculo, em que vivo, a sombra densa
Eu rasgarei com vivo enthusiasmo:
Açaimada deixando a negra Inveja,
Ao menos quando o corpo em cova humilde
A morte me esconder. Das cinzas surge
Sem mácula o renome, então consegue
Da clara Fama o pósthumo tributo.

No Peristilo magestoso, e vasto,
„ Eu não distingo s'he mortal, se he Nume „
Então descubro feminil aspeito
De luz banhado, o portamento, as vozes
Hum sobre-humano Ser me descobria.
Os olhos me lançou, como se ha muito
Naquella Estancia me aguardasse; estende
Formosos braços, e me aperta ao seio;
E a voz angelical soltando exclama.

O teu nome, ó mortal, lançado estava
No Livro arcano do Destino immobil,
Tu devias entrar no Templo eterno,
Que a Sapiencia levantou no Olympo,

Tu, sequestrado dos mortaes enganos,
Da vaidade, que assobérba o Mundo,
Dos homens esquecido, e tu dos homens,
Sómente entregue a ti, só dado ás Musas,
Que em retiro, e na sombra alto meditas,
Quaes são da vida os bens, da vida os males,
Rapidas horas da existencia passas,
Em constante fadiga amontoando
Thesouros do Saber, que eternos durão,
Ou quando o claro Sol dá luz ao dia,
Ou quando a sombra, escura o Globo involve;
Hoje das mãos da Sapiencia o premio
Tu deves receber, teu genio enchendo,
Não de metro suave, ou brandas rimas,
Com que do mar soberbo o Heróe decantas,
Que as portas pôde abrir do ignoto Oriente,
Que o Mundo enchêo de luz, de gloria a Patria;
Mas da excelsa verdade ao Mundo ignota.

De seus olhos a Deosa amor vertia,
Mas tal amor, que penetrava o peito,

Sem que a excelsa razão sepulte em sombra,
Offuscando-lhe a luz, tolhendo os vôos,
Qual ser costuma nos mortaes se he grande!
Pregados em seu rosto eu tinha os olhos,
Com celeste prazer minh'alma toda
Em sobre-humanos nectares s'engolfa.
A Deosa o conhecêo, que mudo, e quasi
Abstracto estava, e do sentido alheio.
Hum rizo deslizou dos rozeos labios,
Solta a voz suavissima, e m'exclama:
„ Tens cheio o coração de ignoto fogo,
A quem mortaes no Mundo amor chamárão,
A quem puro prazer nos Ceos se chama.
Este puro prazer do gozo alheio
Toma força, e calor, e tudo a todos
Se apraz de ser, e se derrama inteiro;
Do privado interesse ignora a meta,
E nem se muda, nem se altera, como
Tantas vezes no Mundo amor se muda.
O proprio amor nos corações innato,

Que a todas as paixões, que o peito agitão,
Se amolda sempre, e nellas se transforma,
He disfarçado amor vossa esperança.
Amor he pertinacia, amor he mágoa;
Amor são todos os prazeres vossos;
De amor o movimento, os accidentes
Não são mais que paixões, e amor são todas.
Na origem quando nasce, amor se chama;
Quando do peito sahe, quando s'expande,
E busca unir-se ao suspirado objecto,
Chama-se então desejo, e vigoroso,
Já seguro de si, firme em si mesmo,
Se as azas solta, se remonta, e sobe,
O nome tem de vivida esperança.
He constancia, se obstaculos vencendo,
Na mesma opposição mais força adquire,
Quando aos duros rivaes declara guerra
He sempre amor, mas chama-se ardimento,
Mil vezes a si mesmo elle s'esconde,
Mas neste raro sacrificio he sempre

No altar do coração victima, e fogo,
E Sacerdote amor, que em si transforma,
Quantas no Mundo vê paixões diversas.
Mas tempo he já que teu desejo abaste,
E te descubra o Templo portentoso,
A que o Fado benigno hoje te guia.
Esta, que vês alçar-se augusta móle,
He consagrada á Luz da Sapiencia;
Altares alli tem, e alli conserva
Eternos Bustos dos Heroes prestantes:
Seus orgãos são no Mundo, e seus Ministros
Esses engenhos transcendentes, vastos,
Que tão rara entre vós a estima alcanção,
Sustento, protecção, respeito, asilo.
A Fadiga sou eu; nome tremendo,
A quem de hum ocio torpe os braços busca,
E na mole indolencia a vida exhaure.
Mas he doce o meu nome a quem Virtude,
A quem merito apraz; segue-me, ó filho,
Cruza comigo os Porticos sagrados.

Tremi confuso, e vacillante o passo
Entre contrarios pensamentos movo.
Quasi hum frio suor me banha a fronte;
Quasi de vêa em vêa agudo frio
O curso ao sangue fervido entorpece.
Vi que de Icaro o vôo, e a quéda acerba
Desse soberbo, e deslumbrado moço,
Que mal regêra igni-pedes Ethontes,
Eu ia a renovar. Meu alto assombro
Descobre a Deosa, e se doeu de ver-me;
Dêo-me a benigna mão, e eu fixo o passo
Sobre o immovel pavimento immenso.

Todo era d'ouro o consagrado Alcaçar;
De azul celeste a abobada esmaltada,
Onde brilhantes lucidas Estrellas,
Quaes safiras finissimas, s'engastão,
De eterna luz eternamente accesas.
Todo he Pyropo Oriental o sólo.
Prodigio Divinal! Pelas paredes
Admira a vista insolitas pinturas,

Quaes nunca Rafael, quaes nunca ousára
Traçar pincel de Ticiano, ou Guido.
Aqui se vião nos incultos bosques
Errantes os mortaes, sem Lei, sem Patria,
E quasi extincto o facho luminoso
Da celeste Razão, como eclipsado
Se nos descobre o Sol no Firmamento,
Quando hum corpo interposto a luz nos rouba.
Alli se admirão simplices viventes,
Das voadoras Aves ensinados,
Das brutas Feras nos incultos montes,
As choças rudes levantar primeiro
De huma folhagem sêcca, annosos troncos,
Onde, quaes Feras nos covís, se acoutão
Das injurias do ar, e irados ventos.
Neste estado infeliz de hum Mundo inculto
Teve principio a humana Sociedade,
Fonte de tantos bens, fonte dos males,
Que do combate das paixões são obras.
Alli se ajunta, e cresce, alli se forma

A primeira Familia, alli começa
(Que imperiosa precisão lhe ensina)
A rotear primeiro o campo agreste,
Pois lhe não bastão fructos espontaneos,
Nem pode errar nos bosques a colhe-los,
Pois tem hum fixo lar, tem domicilio;
No berço os filhos tem, no Thoro a Esposa.
O' famosos Monarchas, vosso Imperio,
Vossos Sceptros, ou de ouro, ou só de ferro,
Nesta mesquinha Sociedade houverão
Seu principio, e modélo; o Pai foi Nume,
Foi Sacerdote, foi Monarcha, e tudo.
Da Natureza a voz somente escuta
O paternal poder, do Imperio he fonte,
Interpretando os Ceos, as Leis promulga,
Que da nascente Sociedade esteio
Nella conservão paz, premio, e castigo,
Que o bem particular ao bem do todo
Mandão sacrificar: não era obscura
A sapiencia dos primevos Padres.

As puras aguas da Razão bebião,
E o Templo abrirão da vulgar Virtude.

Deste humilde principio, e tão pequeno,
Surgio da antiga Roma o ferreo Throno,
Que do Globo aos confins mandou cadêas;
N'huma Cabana humilde origem teve,
N'ella Romulo, e Numa as Leis dictavão,
Ao novo asilo universal chamando
Do Lacio antigo indigenas incultos.

Neste estado da simples Natureza
Existio longo tempo a especie humana,
Ah! Foi esta por certo a Idade d'ouro!
A ferrea começou, e expresso ao vivo,
Eu alli via Agricultor robusto
Rasgar com duro ferro o seio á terra;
O primeiro suor nella se entorna,
Com que se amassa o pão de infausta vida.
Do crime original he esta a pena!

D'estranho tronco as arvores s'enxertão;
Corta-lhe a fouce os resequidos ramos,

O campo se cultiva, o campo he proprio;
Mas sem armas, sem rispidas cadêas,
Porque inda o vicio a frente temerosa
No berço dos mortaes não tinha alçado.
A industria suppre a rude Natureza,
Pois quanto as plantas por seu proprio instincto,
Ajudadas do Sol, ferteis co'a chuva,
Nos espontaneos frutos produzião,
A' humana precisão já não bastava.
Então das cultas pampinosas vides
Se tirárão primeiro os dons de Bromio;
Então luxo ensinou tingir por fasto
Co' a preciosa purpura de Tyro
Do verme industrioso a tenue baba,
Se a relva dava então tranquillos somnos
A' sombra, que espalhava o Freixo annoso,
E se estancava a sêde a lympha pura
Do serpeante limpido regato,
O vello se arrancou do manso armento,
Que ao cançado mortal repouso presta,

E o licor salutifero se apura,
Que restaura o vigor no corpo inerte.
Por buscar novo Mundo, e não sabido,
Da nativa montanha então se virão
Cortados abater-se o Chopo, a Faia;
Lá vão nas ondas contrastar co'os ventos.
Para ajuntar as peregrinas merces;
Lá vai duro mortal soltando as vélas
No elemento não seu d'Eólo ás furias:
Mortal té agora ingenuo, e que outras praias
Não tinha visto mais que as do tranquillo
Ribeiro, que lhe corta os patrios campos.

A guerra assoladora, a guerra infausta
Era ignota até alli, e em tristes cores
Alli se mostra a fervida peleja.
Na bigorna se bate a horrenda espada;
Em dura lança além se alonga o ferro,
Além se erguião reforçados muros,
Pelo ar vão rompendo as grossas Torres....
Ah! Gozava o mortal ocio tranquillo!

E que Furia infernal, que monstro horrendo
Trouxe do escuro Inferno o facho acceso?
Que nuvem s'elevou sangue estilando?
O odio, a raiva, a inveja o braço alçárão,
Primeiro a Ingratidão nas mãos levanta
O ferro atroz da cortadora espada.
Levado d'ambição vai peito a peito
Combater-se o mortal; chamou-se gloria
Este cego furor, que avilta as Feras,
Que, á lei do proprio instincto obedecendo,
Jámais a propria especie desconhecem.
Tudo foi erro, e confusão no Mundo.
Honra se quiz chamar do sangue a sêde;
Do humano coração se apossa tanto,
Que julga estado natural a guerra.
Foi esta idéa tua, Hobbes tristonho,
E quanto opposta á Natureza humana!
Aumentão-se as Nações, cresce a desgraça,
Furor de dominar triunfa, e folga.
O que era o Pai, o Sacerdote, o Nume

Da primeira familia, he já Tyranno!

De fero aspeito debuxado estava
Sanguinario Nembrot, qu'ergue seu throno
Sobre o pescoço das Nações em ferros.
A Terra se povôa, o archote acceso
Não se apaga jámais nas mãos das Furias:
Se hum throno se levanta, outro se abate
Nos mais remotos angulos do Mundo.
Nos ignotos confins de impervios mares,
Onde existem Nações, a guerra existe,
Della faz hum mister, faz gloria o homem!

Mas entre tantas, e diversas Gentes,
Que o ferro tem nas mãos, no aspeito as iras,
Eu via estar em solitario alvergue
Pensativos mortaes; longe, e mui longe,
Em doce paz, do estrepito, e tumulto:
Ao ar, ao portamento, á vista, ao moto
Subito conheci que os Sabios erão,
Que as sempiternas Leis da Natureza
Em pró dos outros conhecer tentárão,

Com pertinaz estudo , e prompto engenho
Folheão sempre o Livro do Universo.
Com pasmosa attenção descortinando
Tão formoso espectaculo , e tão vário,
Co'os labios semi-abertos os immoveis
Olhos pregados tem no ethereo assento ,
Como que vão buscando o immenso , e certo
Giro eterno dos Astros scintilantes:
Este o continuo estudo, este o deleite
Do nunca saciado engenho humano.
De assombro os enchem maravilhas tantas.
Curiosidade da ignorancia he filha ,
Ah ! Da essencia mortal tão propria , e tanto !
Somente ella produz Sabedoria ,
Quando o veloz enthusiasmo atêa ;
E quando observa effeito desusado ,
Ou na Terra , ou no Ceo , corre anhelante ,
Corre promta , interroga , observa , indaga ,
E tenta descobrir quanto se amostra
A seu ouvido attento , olhos absortos ,

Vai dos effeitos progredindo ás causas.
Nobre emprego este foi de antigos Sabios,
As fontes ir buscar das cousas todas.
Amor da Sapiencia, amor d'estudo
Entre os mortaes se diz Filosofia.
Curiosidade, e ocio á Deosa derão
(Ao Nume, que preside ao Templo) a essencia.
A's Gentes inda indomitas, e feras,
Mal nas choças humildes recolhidas,
Communicou seus raios luminosos,
Fez-lhes vêr de si mesma a imagem pura,
Apenas observou que accesos olhos
Na pintura dos Ceos apascentavão,
Do Braço Omnipotente contemplando
Essas sem fim maravilhosas Obras.

Depois que em Quadros taes a vista absorta
Acabei de deter, novos objectos
O transportado espirito me enlevão.
Nos aureos muros esculpidas vejo,
Nunca a meus olhos descobertas Fórmas.

Sobre hum Turquino fundo auri-luzente
Fixas sempre n'hum ponto Estrellas brilhão,
A cujos lumes trémulos, suspensos
Pelos Bosques Caldeos, vejo os Pastores,
Imprimindo sinaes na mole arêa,
Da Geometria portentosas Linhas,
Em que tanto s'exalta o engenho humano!
Da Geometria, que dourada chave
Da Natureza os Porticos franquêa!
Co'a frente involta em sombra, além correndo,
Eu vejo o turvo, o vasto, o immenso Nilo,
Que pingue faz mysterioso Egypto.
Vejo-lhe em torno industriosa gente,
Que os Estos lhe calcula, as ondas mede,
Esperando que o Ceo constante, e meigo
O retorno annual decrete ás aguas:
Em quanto o interesse, em quanto o Genio
Dividem entre si fadiga, estudo,
Recebe nova luz Geometria.
Qual costuma romper d'alpestre rócha

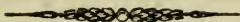
Limpida fonte, e serpeando o campo,
Por entre as pedras vai com doce, e grato
Sussurro dando viço á planta, ás flores,
E o feudo pouco a pouco recebendo,
Agora d'huma fonte, agora d'outra,
Mais se lhe engrossa a vêa cristalina,
Já corre, e freme rapido regato;
Quanto mais longe vai, maior tributo
Dos montes, que circunda, então recebe,
O fundo leito alarga, e violento
Bramindo s'intumece, e se arrebata,
Na catadupa fervido, espumoso
Em soberbos cachões se precipita:
Qual o turvo Oronóque, ou qual o Nilo
Agua, e nome confunde em mar immenso;
Tal do seio da vasta Natureza
Profundo seio, pouco a pouco trouxe
O humano entendimento a luz brilhante,
Com que logo raiou Filosofia,
Que foi por muitos seculos juntando

D'alma sciencia o perennal thesouro,
Que he d'antiga innocencia o fructo, e premio,
Ah! Tão buscado em vão na idade nossa!
Em que fogo maior, mais viva chamma,
Q'essa que exhala igni-vomo Vesuvio,
No seio do mortal fomenta o crime,
O continuo desejo, ávido sempre
De possuir incómmodas riquezas,
Que sabe desprezar por nobre orgulho,
Quem vota o coração tranquillo, e livre
Da Natureza ao porfiado estudo,
Contemplando-lhe as Leis, seguindo a marcha,
Que a cada passo fulgurante mostra
De seu Auctor a Gloria, a Sapiencia.

As leis, as bases do existente Mundo
Forão do húmano entendimento estudo;
Mas nada lhe abastou desejo acceso,
Que tão vivo crescêo, qual cresce o vasto
De pequena faisca infausto incendio.
Quando attento encarou bellezas tantas,

Lançou-se aos Ceos com generosos vôos,
E dos Astros o influxo, o vário aspecto
Ousou descortinar; no eterno curso
Pelos ermos do espaço os foi seguindo,
E soberbo de si, não satisfeito
A seu profundo, altivo pensamento,
Da tocha da Razão seguindo o lume,
Abre, piza, franquêa ignota estrada
Co'a paixão do Saber, e os homens leva
Da Verdade immortal ao Templo augusto,
Que escondido não he, qual foi primeiro.
Ella pode encantar Genios sublimes,
Cuja imagem feliz n'hum bronze eterno
Em si conserva o sublimado Alcaçar:
Feliz, feliz entendimento humano,
Se em taes indagações, se em taes estudos
Mui longe do confuso Labyrintho
Das humanas paixões, de infaustos erros,
Aprende a conhecer, e amar o Eterno,
Só de bens larga Fonte, immenso Oceano.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO II.

Da Sapiencia antigos amadores,
Os Sacerdotes do celeste Nume,
São do Templo immortal alto ornamento,
E seus Bustos de Pórfido formavão
Os Timbres, e os Troféos do Altar sagrado;
Puro, innocente Altar, onde a profana
Mão de infrenes mortaes nunca entornára
(Oh dôr!) de humanas victimas o sangue;
Sangue, que tanto apraz da guerra ao Nume,
E com que o cego Fanatismo alaga,
Theatro d'ambição, mesquinha Terra;
Puro affecto he somente o sacro incenso,

E os votos são sublimes pensamentos,
São Offerendas extasis ardentes,
Vôos da Mente, que se guinda aos Astros,
Correndo immenso espaço. Aquella Deosa,
Que o berço tem nos Ceos, que he dom dos Numes;
Que das Artes he Mãi, d'ellas he premio,
De magestade, e de belleza cheia,
Taes holocaustos com prazer acolhe.

Vi (que assombro!) de luz cercado o vulto
Do primeiro mortal, puro, innocente,
Que já das mãos do Creador dos Mundos
Sahira a ser Dominador da Terra.
Do Divinal Saber nasce illustrado,
Das cousas conhecendo a propria essencia:
Impoz seu proprio nome aos Seres todos.
Logo apoz elle, fulgurando estavão
Em menos viva luz seus tardos Netos,
Que a herança paternal, pura doutrina
A tão remotos seculos deixárão;
De labio em labio se transmitte, e guarda,

Té que espantoso Cataclysmo o Mundo
Fez que nas ondas náufrago ficasse.

Eu vi logo a Noé, que intacto surge
Do Lenho guardador da especie humana.
Aos filhos seus, dos scintilantes Astros
Ensina as posições, o aspecto, o moto.
Sublime Sapiencia, abstracto estudo,
Que tão illustres fez, depois da escura
Confusão de Babel, Nações diversas,
O innocente Caldêo, o Arabe esperto,
Do Nilo o morador, mysterios todo,
Todo em obscuros symbolos involto,
E o Persa audaz, idolatra do Fogo.

Descubro Prometheo, e o velho Atlante,
Que a Poesia co'os pinceis Divinos
Nas expressivas fabulas nos pinta,
Hum com fogo dos Ceos dá vida ao barro,
Outro o pezo sustém do excelso Olimpo.
Vejo o profundo Trimegisto, e logo
O sublime Cantor harmonioso,

Que de Troia a catastrofe decanta,
Que em brando Verso, imagens lisongeiras
Da Sapiencia os Porticos nos abre.
A idéa ao Mundo dêo das Artes todas
Nos magos sons da Tuba estrepitosa,
Que os valentes Heroes chama ao combate,
E os Numes faz descer do Olympo excelso.

Pelas margens do Indo, e immenso Ganges
Meditadores Brâmenes deviso,
Que em sombra muito espessa a luz involvem,
E a verdade com Symbolos ensinão.
Confucio, o grão Filosofo, descubro,
Que da luz natural levado apenas,
Achára o Summo Bem só na virtude.
Nunca he feliz o criminoso, nunca!

Tres Zoroastros vi, que hum luminoso
Fanal nas sombras plantão, e assignalão
Das Artes para o Templo a estrada augusta,
Com que immortal se fez o Egypto, e Persia.
Vi logo o doce Orfêo, que a Lyra d'ouro

Com tanta fez soar maga harmonia,
Que a seus acordes sons penhascos, troncos
Doceis pôde tornar com vida, e moto.
Disse que era do Mundo Amor principio,
Amor do cáhos discordante o tira;
Grande he força de Amor, mas não tem tanta!
    Pensativo Beroso então contemplo,
A quem de Athenas a famosa Escola
Estatuas levantou d'ouro mais puro.
Chillon lhe vejo a par, que o dia extremo
Sem pena, e sem temor contente encara:
Tanto póde fazer Filosofia!
Pitaco á morte sobranceiro vejo;
O impotente Tyranno insulta, quando
Em seu peito embebêo ferro homicida!
Legislador Solon, de brando aspeito,
De novo fez descer dos Ceos Astréa,
Enlaçando co'as Leis Filosofia:
Dos bons Monarchas o modelo he este;
Buscão co'as Leis dos homens a ventura,

Qual Pai dos filhos a ventura busca;
A Lei subditos faz, mas nunca escravos.
Depois Zaleuco vi, depois Carondas;
Sicilia com taes Reis só foi ditosa!
No meio bem do sacrosanto Alvergue
Taciturno Pythagoras admiro;
Immerso todo em si, e em sombra involto,
Mysteriosos numeros medita,
E tira da Unidade os Seres todos.
Mas Eterna Unidade he Deos somente,
Origem perennal dos Seres todos,
Delle o principio tem, tem delle a vida.
Cleóbulo descubro, a portentosa
Sabia filha gentil conserva ao lado,
Que da engraçada bôca em aureos rios
De eloquencia entornou Filosofia;
Ah! Nunca aos homens se mostrou tão bella!
Observo o Busto de Biante o Sabio,
Que digno só julgou do humano estudo
Moral, que na virtude a alma levanta,

Em sua mesma magestade occulta,
Deixando a Natureza enigma obscuro,
Indecifravel aos mortaes mesquinhos,
Em quanto ao corpo o espirito se prende.
Periandro alli vejo, e vejo o Scytha
Anacarsis Filosofo profundo
Cujo nome immortal materia, e fama
Dêo neste ferreo tempo ao douto Escrito,
Que a Grecia em si contém, co'a Grecia tudo.

Vejo a Misson... Que symbolo o distingue?
O nobre, o nobre só proficuo Arado,
Que o seio rasga á terra agradecida;
Delle se pêja a estólida vaidade:
Do Filosofo á vista he mais que hum Sceptro.
Na cultura do Campo o Sabio he grande;
Nem póde o estudo ter mais digno objecto,
E nunca outro Mister, nunca outras Artes
Com mais affan buscasse engenho humano!
Celeste Agricultura, oh! digno emprego
Té do mortal primeiro inda innocente!

Ah! Nunca de meu lado hum ponto afasto
O volume suavissimo, e celeste
Do immortal Vanier, que as Leis promulga,
Em sobre-humano Canto, á Agricultura,
Que faz amar delicias innocentes
De hum domicilio rustico, que excede
Da Razão na balança, em preço o fasto
Dos Palacios dos Reis; d'alta Palmira
De Menfis, e de Roma a gloria infausta.
Tu déste ao Mundo, ó Vate portentoso,
Da Latina eloquencia o mór thesouro.
Só tu podeste tactear a Lyra,
Que pendente deixou Titiro outr'ora
No Loureiro, que o tumulo lhe assombra,
E Pausylipo ao viandante mostra.
Tu talvez excedeste os sons acordes,
Que Sanazáro, seu rival, tirára
Ora de agreste Frauta, ora da Tuba.

Eu distinguo Epimenides, que deixa
A escondida Caverna, onde absorvido,

Onde immerso em si mesmo, a origem busca
Desta do Mundo machina pasmosa;
Aos homens traz hum facho luminoso,
Que de hum tal labyrintho as sombras rasga.

Aquelle Genio milagroso observo,
Que a Frigia vio nascer profundo, e sabio,
Que os Brutos fez fallar, Arvores, Plantas;
Em lisonjeiras Fabulas ensina
Quantas depois lições do justo, e honesto
Rigida Estóa, e Portico ensinárão.
Thales descubro então, timbre da Ionia
Do primeiro Liceo, primeira Escola,
Que vio dentro em seu seio a Grecia douta,
Illusrre Preceptor. Dêo luz ao Mundo
No que pôde alcançar de Astronomia,
Do vidro portentoso o olho despido.
Elle primeiro do Solsticio o ponto
Sobre a Terra marcou; e elle primeiro
O Eclipse assustador predisse aos homens,
A marcha calculando a ethereos orbes;

*

O Eclipse assustador, que a luz ao Globo,
E a paz ao peito trepidante rouba,
Ignaro peito do mysterio ignoto,
Que só das causas naturaes procede.
Elle dêo por principio aos Seres todos
Esse liquido humor, que çerca o Globo,
Que dos ingneos vapores rarefeitos
(Tal pensaste, ó Buffon!) cahio dos ares.
    Vejo Archeláo, depois Anaximandro,
Que, suppondo infinita a Natureza,
Abrem primeiro ao Panteismo a porta;
A' idéa tua, ó Luso Israelita,
Quando encaraste a unica substancia,
Que vária, e só, modificada existe.
Hum véo sobre este pélagò lancemos,
Colhe só no Parnaso amenas flores,
O' Musa Filosofica.... immudece....
Tu entras neste abysmo, mas os outros!!!
Não he para este seculo tal sombra!!
Inda tempo virá, que o Mundo absorto

Veja no Vate morador no Tejo
Mais que vira em Lucrecio a augusta Roma!
Vate infausto, infeliz, que inda que abrisse
Do saber a vertente, inglorio existe.
Odio, inveja, indigencia, este o seu Fado.
Dêo Augusto a Virgilio hum pão somente,
Mas seu nome immortal conserva intacto.
Das chammas voracissimas lhe salva
Os Versos divinaes, que rivalisão
Com Roma em duração, com Roma em gloria.

Anaximenes do Orador Romano
Assombro, estimação, contemplo, e vejo,
No moto eterno da substancia eterna
A essencia poz de hum Arbitro Supremo,
E dêo ao Mundo por principio, e fonte
A substancia do ar vasto, infinito;
Mui grande em luzes foi, grande nas sombras.

O profundo Anaxágoras deviso,
De arcana luz, mas encovados olhos,
Prolixa a barba, aspeito attenuado;

Quanto do trilho da verdade aberra,
Quando busca a verdade o humano engenho!
Incombustivel julga, e ardente pedra
O luminoso Sol! Que mais agora
Descobre alli de Astrónomos a turba?
Diz que he das fixas huma Estrella immovel!
Diz que he de fogo hum pélago insondavel;
Na superfice as ondas lhe refervem,
E por ella ondeando espessas manchas
De hum limbo a outro rapidas se volvem.
De hum filho teu, familia rejeitada,
Rediviva outra vez, na margem fria
Do espraiado Danubio bellicoso
Os vivos olhos para os Ceos se volvem;
Buscão o Sol no Sol, e alli descobrem
As não cuidadas máculas; ou foste,
Immortal Galileo, tu, (cujos olhos
De luz mais viva enchêra a Natureza)
O primeiro talvez, que as sombras vira,
Nessa brilhante alampada do Mundo,

Que ciosa de si, não quer que os olhos
Nella fixar-se vão sem deslumbrar-se.

Entre raios de luz mais fulgurantes
Vejo o profundo Socrates, o Justo,
Quanto ser pode impura Natureza,
Calva, e rugosa a frente, a tez sombria.
Aos movimentos d'alma attento sempre,
Do coração nos penetraes entrando,
Com sorriso Socratico escarnece
Os vãos systemas fisicos do Mundo,
Que á mente dos mortaes ignotos deixa,
No seio immersos do Motor Supremo.
Só d'austera Moral segue as pizadas:
O avezado mortal ás vãs idéas
Da vacillante Fysica procura
Só no estudo empregar da essencia propria:
Só quando o homem se conhece he sabio.

Vejo Aristipo, Anthistenes descubro;
Hum busca o summo bem no inerte, e baixo
Prazer, que encanta os corporaes sentidos;

O' lisonjeiro do sagaz Augusto,
Teu systema tal foi; teus aureos Versos
Somente o Cortezão, e Amor respirão
Entre as infames libações de Bacho.
Sabio he somente Anthistenes, que encontra
D'alma em puro prazer ventura extrema:
Este o primeiro da assisada turba
Do Cynico mordaz. Crates contemplo,
Que julga inutil pezo a vã riqueza,
E no abysmo do mar com ella esconde
Inquieto temor, voraz cuidado;
Seja d'ouro o grilhão sempre he cadêa!
Alli Monimo admiro, o grande Hyparco:
Na abobada dos Ceos novas Estrellas
Pôde descortinar, visiveis Astros;
Nessas immensas solidões do espaço
A numero os reduz nas classes suas.
Se o soccorro d'hum tubo, e hum fragil vidro
Lhe aproximasse o Ceo, quantos prodigios
Aos absortos mortaes manifestára!

Vejo a vagante habitação do sabio
Diogenes pasmoso, e alli defronte
Do Mundo o assolador, de Péla o raio,
Ante o qual immudece o Mar, e a Terra,
Alexandre se diz: da esquerda parte
Inclina hum pouco a frente aterradora,
A fluctuante Clamyde lhe arrastra,
Sobre o pomo da espada a dextra encosta.
Ao pé vejo Calisthenes; severo
O grande Esfestião: tudo immudece.
Solta Alexandre a voz, e erguendo o braço,
Com que a Persia abatêo, e o Indo assusta,
Offerece a Diogenes thesouros....
Tranquillo o Sabio, indifferente, e grande,
Só lhe pede, que ao Sol não véde as luzes,
Nem lhe tolha o calor; que ao frio, inerte
Corpo negado tem frugalidade.
Verdadeiro Filosofo he só este,
Que para ser feliz de si depende,
E não dos Reis, pois basta a Natureza,

Que do pouco se apraz, e até do nada.
Com taes lições he grande hum Menedémo;
Não conhece outro bem mais que a Virtude.
Esta o supremo bem, que eterno dura:
Nelle não tem poder Fortuna, ou Fado.
Tudo dentro em si mesmo o homem conserva;
Quando escuta a Razão, despreza o Fasto,
E discordantes appetites dóma.
Vejo Euclides, o Pontico, avezado
A' contumaz contradição de tudo;
Este o prudente Sceptico, equilibra
Entre oppostas razões seu pensamento.
Oh! Magnanimo Stilpon, eu te vejo,
Traz intonsa a cabeça, e descoberta,
Pobre os vestidos traz, e os pés descalços;
Com elles piza a vaidade, o luxo,
E nega ao coração quanto elle pede.
O' grande Preceptor do ingrato Nero,
Se isto não foi teu animo sublime....
Talvez, talvez calúmnia te macule!

Os teus Escriptos immortaes respirão
Celestiaes lições, virtude austera.
  Diofante Apolonio eu bem distinguo,
Tem nas mãos o compasso, e tem na terra
Immoveis sempre os olhos encovados.
Alli descreve as trabalhosas Curvas;
Além disto não mais surge esta idade.
Nem mais Eulero diz, nem mais La Grange,
Nem dizes tu, meditador La Place,
Que o vasto genio, que penetra abysmos,
Lanças de Sol em Sol, de Mundo em Mundo,
Te divisar do Todo immovel Centro.
Tu mesmo, ó Galileo, tu mesmo, ó Newton,
No labyrintho das cruzadas Linhas,
Não mais atinas co'as douradas chaves,
Que d'augusta Verdade as portas abrem,
Dentro em cujos Alcaçares se guardão
As Leis da Natureza, e seus arcanos.
  D'Estoico rigor seguindo a trilha
A Zeno vejo involto em véos, em sombras,

Na mente architectar possiveis Mundos;
Mas suspenso, indeciso os olhos volve
A's sendas da Moral; só digno estudo
Dos homens o julgou, com ella aos Numes
Pode o mortal equiparar-se, quando
A' terra sobranceiro, hum ferreo jugo
Sabe impor ãs paixões tumultuosas,
E com sorriso aterrador olhando
Os cuidados dos Reis, da Corte o fausto.

De veneravel rosto, accesos olhos
Eu descubro Platão, que o Nume eterno
Neste immenso espectaculo conhece,
Na Planta, e Bruto, e Racional o adora.
A novo amor dá luz, e alegre espera,
Que a seu astro natal sua alma torne.
Oh! Sublime doutrina! Ah! Tu podeste,
Dentro da Escola de Florença outr'ora,
O eloquente escutar Policiano;
Ficini he teu interprete, e te iguala.
Se as Letras tem na Europa apreço, estima,

E a frente em seu amor se me embranquece,
A tão sabio mortal, tão grande o devo.
Que mais te posso dar? Tens em teu nome
A fama, a estimação, a gloria, e tudo.

Vejo Espeuzipo, imitador da excelsa
Virtude de Platão, e em sua Escola
Teve commum com elle, estudo, e sangue,
Aureas Bases lançando á Academia,
A quem depois dêo Cicero mais luzes
Nas Questões Academicas, que em Baias
Entre Oradores Consules ventila,
E nas alas das arvores sombrias
Do fresco, e ameno Tusculo resolve.

Da belleza inimigo, e da ternura,
Xenócrates descubro austero, e triste,
Vergonhoso baldão da especie humana,
Que nem ao vivo scintilar d'huns olhos,
Nem ao mago sorriso deslisado
De hum labio, côr de purpura, ou de rozas,
Ou aos aureos anneis de tranças de ouro,

Da Nutureza escuta a voz suave,
E sopro avivador, que atêa o fogo,
Tão grato ao coração, que he delle a vida;
Fogo; que até do mar no abysmo fundo
Sujeita a seu imperio equoreos monstros,
E a sanguinario Tigre, indocil sempre,
Amar ensina, e conhecer ternura.

O pertinaz Arcesiláo na Escola
O segue duvidando, a alma suspensa
Entre a diversa opinião conserva.
A imagem de Carnéades descubro
O mór brazão da nova Academia,
Cuja alma excelsa da verdade indaga
Entre o provavel sempre a estrada incerta.

Pythéas vejo, que do antigo Sabio,
A quem Samos talvez já dera o berço,
Vai solitario, pensativo, e mudo,
Na extensa praia de Marselha antiga,
Erguendo a vista á cupula azulada;
Primeiro assignalou dos aureos Astros

As leis, a proporção, e o moto vário,
Com que o prescripto circulo descrevem,
De hum corpo, que he central, girando em torno.
Gravitação reciproca, e pasmosa,
Primeira eterna lei, já presentida
Em tão remotos seculos de sombras:
Talvez nelle encontrasse o germe, a fonte
De universal gravitação dos corpos,
Reciproca attracção, constante, eterna,
Infatigavel Pensador Britanno.

Impaciente Empédocles já vejo,
Que julga (ó vão discurso, ó vãs idéas!)
Suor do Terreo Globo o vasto Oceano.
Daqui talvez Buffon, talvez te veio
Esse teu vapor humido, que a Terra,
Destacada do Sol, e ardendo em fogo,
Da Atmosfera nos ambitos exhala,
E cahindo de lá se forma em mares.

Do Italico Saber brazões sublimes,
Fidas, Architas fulgurando admiro;

Julgavão cada Estrella hum Mundo errante
Fluctuando no ar, vasto infinito,
Onde hum Astro central preside a muitos
Rotantes Globos solidos, opacos,
Reverberante luz delle recebem.
No Globo incerto da serena Lua
Mares, selvas, montanhas suppozerão,
Té do ser pensador foi dita alvergue.
Pensamento foi teu, sublime engenho,
Quando de ignoto Mundo a Mundo ignoto
Levaste a passear Matrona imbelle.
Do prazer filosofico em ligeiras
Azas de acceso, vivo enthusiasmo.
Tiverão tal idéa antigos Sabios,
Que tão sublime opinião vestirão
Das côres da Razão, qual tu fizeste
Na, que eu te imito, extatica viagem,
Em que, profundo Kepler, te lançaste
Da Creação aos términos não vistos,
Nem da humana Razão jámais marcados.

Na escura tez Protágoras conheço ,
Entre sofismas se revolve , e nega ,
Oh ! Sacrilega audacia ! Hum Deos ao Mundo !
Nem vê na immensa gradação dos Seres
Reguladora mão , que rege o Todo ,
Os effeitos apalpa , e a causa nega.
Nem vê na Obra Artifice Supremo ,
Sem fonte o rio , sem impulso o moto !
Cheio de assombro , extatico detenho
Na frente de Demócrito meus olhos.
As azas audacissimas desprega
De universal Saber na esfera immensa ;
Architectando de átomos errantes
Mundos , Mundos sem fim no espaço eterno.
Com riso insultador desdenha os homens.
Do lado opposto Heraclito tristonho ,
Sem lagrimas jámais , contempla o Mundo ;
A mortal condição n'alma lhe toca ,
Nos humanos só vio miseria , e luto ,
Eu só desgraças nos humanos vejo ;

Indeciso entre os dous, não sei se o pranto,
Não sei se o riso os homens me provocão.
Franzida testa, supercilio austéro,
Arcano lume d'encovados olhos,
Eu descubro em Pyrron; com pertinacia
Duvída do que vê, tactêa, escuta;
Néga as luzes ao Sol, e aos Astros moto.
Filosofico orgulho, ah! Quanto, e quanto,
Se fecundou teu germe em peito humano!
O fluctuante Scepticismo as luzes
Do portentoso Baile nos transforma;
Em não rasgadas, e cimerias sombras
Vemos, n'hum ponto, o verdadeiro, o falso.
Entre guerreiras máquinas involto,
Entre abrazadas Náos vejo Archimédes:
Té agora vinte seculos não derão
Hum tão raro espectaculo aos humanos.
Teu genio, ó Galileo, só delle he sombra!
Co'a frente augusta de laureis cingida;
Marcello o vencedor lhe chora a morte,

De Siracusa nos entrados muros;
Foi esta a vez primeira, ó grão Romano,
Que fez Heroes hum pranto enternecido!
E ao Mundo aligeirou, fez doce ao Mundo
O ferreo jugo do Latino Imperio!

Vejo ao perto Epicuro, o vulgo insano
Nelle descobre hum impio, eu vejo hum Sabio,
Frugal, modesto, taciturno, humilde,
Que no moral prazer, puro, e sincero,
Suprema quiz constituir ventura.
Entre viçosas arvores se assenta
De hum ameno jardim, medita, ou finge
Ver infinitos átomos no vacuo,
Mundos produz do casual concurso.
Hum erro foi da fraca intelligencia,
Não passa ao coração tranquillo, e puro,
Ama a virtude. O' Séneca, foi este
Teu pensamento nas lições sublimes,
Com que a Lucilio instrues no honesto, e justo,
Da Latina Potencia esmalte, e brilho,

O' portentoso Séneca! Tu erras;
He sempre vã, quimerica a Virtude,
A quem della não vê n'hum Deos a fonte,
No Acaso achando hum Arbitro do Mundo,
Tanto delira humano entendimento!
Na essencia humana o maximo se toca,
No extremo opposto o minimo mil vezes!

Eis de Estagira o genio, eis o prodigio
Maior que antiga Grecia outr'ora visse.
Do Mundo o Mestre foi, e a Natureza
Lhe quiz a porta abrir de seus sacrarios.
Não confundo com elle o Peripáto;
Elle foi luz, o Peripáto sombra;
A seu lado Alexandre a Terra espanta;
Elle mantêm por seculos o Imperio
Universal das Artes, e das Letras,
Por esse immenso circulo correndo
Do que então se chamou Saber humano.
Antes que a luz se derramasse, e visse
Brilhar no Sena, e Tibre, Arno, e Tamisa,

Em seus Escriptos, que a ignorancia altera,
(Ignorancia dos Arabes soberba)
Saber encyclopedico descubro.
Dos brutos animaes, que a Terra, os Ares,
E o Mar no fundo abysmo encerrão, nutrem,
(A immensa turba, as variantes classes)
Plinio, e Buffon nos representa o Quadro.
Se não fôra Aristoteles, não forão
Honra da Hesperia, e Gallia, honra do Mundo.
Bem como á voz omnipotente surge
Do cego abysmo a máquina da Terra,
E repentina a luz se espalha, e brilha,
Assim das Artes, das Sciencias todas
Surge á voz de Aristoteles a base,
Que jazêra até alli na sombra involta.
Nunca deixou de perseguir o Mundo
A Sapiencia, o Merito, a Virtude:
Tristes Aves da noite a luz odeão.
Foge o grande Aristoteles de Athenas,
E busca asilo em morte voluntaria.

Na sublime Cadeira então se assenta,
E alli brilhando estava o douto, e grave,
Da Natureza interprete Theofrasto.
Desgraçado Calisthenes lhe escuta
As sublimes lições, e o grande Eudemo
Co'a respeitavel multidão dos Sabios,
Que passeando entr'arvores discorrem.

Raios da guerra fuzilando correm
Desde as margens do Tibre, e se desfechão
Na opulenta Corintho, e Athenas douta.
Mumio abraza Corintho, e Sylla Athenas.
Torna-se escrava vil essa, que outr'ora
Foi das Sciencias inventora, e mestra.
Douradas Torres, magestosos Templos
Pizadas cinzas são, e Aldêas pobres.
Foge, e se aninha a Sapiencia em Roma,
Se do Templo da Gloria as portas abre
A seus grandes Heroes, que em guerra crua
Levão da Terra aos fins sangrentas Aguias,
Tambem no Templo da Sciencia os vejo.

Scipião de Carthago as portas entra,
Na frente o louro tem, na dextra a penna:
Pende-lhe ao lado a fulminante espada,
E talvez que a Terencio a fama désse
Nos Dramas, que obra são da dextra invicta,
Que o nome de Aristófanes, Menandro
Neste, em que estamos, seculo obscurecem;
Co'as armas vencêo Roma a Grecia douta,
Mas nas letras a Grecia excede a Roma.

Entre todos mais luz, talvez mais clara,
Que a que ressurte dos Argivos Bustos,
O sobre-humano Cicero derrama.
Nenhum Sabio formou n'antiga idade
De hum Arbitro immortal mais justa idéa
Entre as sombras Pagãs, nenhum mais perto
Se aproximou do Throno inaccessivel
Do Ente Creador, de tudo origem.
Elle incorporeo, immenso o considera,
De eterna Providencia, Amor eterno,
Existente por si, Causa primeira.

Por certo entre os mortaes nenhum té agora
Tão profundo saber juntou co'a rica
Larga vêa caudal d'aurea eloquencia.

Do Epicureo Lucrecio então descubro
O pensativo descarnado aspeito.
O centro tira ao Mundo, e finge Mundos,
Que infinitos lançou no eterno espaço.
Alli vejo Epitecto, escravo humilde,
Mas livre mais que os Reis, mais Soberano;
Que a alma d'hum Filosofo não sente
Entre ferros crueis do ferro o peso,
Cuja fragil alampada de barro
Julgou Romano Povo alto thesouro,
E joia preciosissima entre as joias,
A que o Mundo dar quer preço, e valia.

Vejo o vulto de Séneca, seus olhos,
Onde arcano fulgura hum lume, e volve
Meditabundo ao luminoso assento.
Piza as salas fataes d'ebano, e de ouro,
Onde a sombra de Nero horror derrama,

Onde o cadaver de Agripina encara,
Onde vê de Germanico os despojos
Sem remorsos, sem lagrimas, sem luto.
Séneca o monstro louva, e s'entristece.
Dependencia d'hum Throno a quanto obrigas!
Fazes do grande Sabio homem pequeno!
Não vejo grande a Séneca nas obras,
Pois a vida antepoz ao justo, ao pejo;
Por ella perde de viver as causas.
Em seu regaço o tem Filosofia,
Só porque disse, que ás acções internas
He presente hum Juiz, presente hum Nume.
    Abre a Plinio seu seio a Natureza,
E seus thesouros lhe descobre todos;
Do moderno Saber he este a fonte;
E o germen nos deixou no aureo volume,
De quanto soube nas idades todas
A humana experiencia, humano estudo,
Da Natureza o Quadro contemplando.
    Roma nelle acabou. Se orgulho insano

No ardente seio do Vesuvio esconde
O mal fadado Empédocles nas chammas
Da abrazada montanha a vida acaba
De Plinio indagador: Filosofia
Grande na vida o fez, grande na morte,
Em seu Saber immenso ind'hoje existe.
De Alexandre o poder na foz do Nilo,
Rival de Athenas, ergue Alexandria:
Nella descubro o *Ecléctico* Potámon:
Alli com elle fulgurante brilha
O rosto formosissimo de Hypacia;
Entre suaves hálitos de rozas
Eloquencia, e saber da bôca entorna,
Que o transportado Origenes lhe admira;
O que depois Oraculo foi grande
Da Sapiencia humana, e da Divina,
Seu Discipulo foi, dócil, humilde.
Naquella Escola Próculo s'exalta;
Ammonio, Celso, Jamblico, e Porfyrio,
Que o mui confuso Platonismo illude.

Vejo n'hum Throno sobranceiro a Tantos
Inda acima de Arnobio, e de Minucio,
E do eloquente Firmico Materno,
O magestoso vulto auri-esplendente
Do harmonioso, fluido Lactancio;
Do Consul Orador rival por certo;
Nunca atê agora os seculos nos derão
Outro com mais saber, clareza, e força,
Que os ouvidos encante, a alma suspenda.
Não era longe delle em sombra involto
Da prisão melancolica Boécio:
Vai banhando os grilhões de amargo pranto,
Té que raiando vio Filosofia,
Que as sombras rompe, as lagrimas enxuga.
Consolação extrema he Sapiencia
No mal da Natureza, e da Ventura.
Profunda escuridão, pesado luto
O vasto Imperio da Sciencia abafa,
Que onde apparecem Wandalos acaba.
Vem do gelado tenebroso Arcturo

Hum bando armado de ignorancia, e morte,
Das sabias Artes derrubando os Templos.
Apenas ficão gárrulas Escolas,
Que hum só Busto não tem no eterno Alcaçar,
Té que o profundo Sármata apparece;
Copérnico se diz; este o primeiro,
Que ousou mostrar da Terra o moto, e giro;
O Sol immovel vio: de orbita immensa
Centro commum, que rapidos Planetas
Em seu perpetuo moto reconhecem,
Delle a luz recebendo, e delle a força.
Apenas tão profunda, e ousada idéa
Ao respeito dos seculos s'entrega,
O magestoso Alcaçar da Sciencia
De portentosos Sabios se povôa.

Eis se me amostra Galileo, dos Astros
O novo Cidadão tem curva a frente,
Nas descarnadas mãos tem vís cadêas;
Cinge-lhe Jove na enrugada testa
As, que elle achára, lucidas Estrellas.

Mais larga, e mais segura a estrada bate;
Nova luz dêo á Fysica, e sobindo
De Ceos em Ceos, expoz d'Astronomia
Não sabidos incognitos arcanos;
Com seu exemplo mostra, e nos descobre
Que o melhor era ignoto, e que podêmos
Com porfiado estudo d'entre as sombras
Da magestosa Natureza hum dia,
Despedaçado o véo, á luz traze-lo,
(Elle o caminho mostra, e o vai trilhando)
E assim tocarmos da verdade o termo.
Soube crear rivaes, mas ajuda-los
Com sublimes lições, com luz immensa.

Da antiga Rhecia vejo o alto ornamento
Bernouilli immortal. Na margem fria
Do discordante Baltico diviso
O grande Auctor das Mônadas, que encontra
No composto mortal maga harmonia
Entre a corporea, e simples substancia.
Nascido a meditar, modesto, e mudo

Da nebulosa Hollanda em canto escuro,
Do grão Des-Cartes magestoso vulto
Entre as sombras, e luz plantado admiro.
A' mão direita hum Globo se descobre,
Que representa a Máquina terrestre;
Sobre elle acceso hum facho a luz derrama,
Que lhe afugenta a sombra da ignorancia.
De huma gloria immortal cobrindo a França,
Cujo timbre maior foi dar-lhe o berço.

Legislador profundo além diviso
Verulamio infeliz; primeiro as portas
Da recatada Natureza abria,
E ao sublime clarão, que elle espalhava,
Surgem da Italia os vivos luminares.
Vejo Tillesio, Cisalpino, e Cusa,
E Patrizzi tambem, que Arabe jugo
Do Peripáto arremessar ousárão;
Paradoxal Cardano, que entre as sombras
Do erro, vezes mil, verdade encara.

O desprezado acinte, e ignoto a muitos,

Pensador Espinosa aqui fulgura ;
Errou , porque homem foi , e errou com elle
Toda a Escola Eleática , e tu mesmo ,
O' Séneca immortal , com elle erraste ;
E Campanella , e Bruno , e a nós mais perto
Quem quer que foste tu , que ao Mundo déste
A tenebrosa producção , que chamas
Da Natureza enfatico Systema.
Assim mesmo teu Genio absorto admiro ,
O' Lusitano Hebrêo , nem posso a força
D'alma negar-te , que penetra sombras ,
Que rasgar não foi dado á mente humana.
Quantos Sabios a penna empunhão , quantos
Escriptos contra ti tem visto o Mundo !
Quando attento medito as obras suas ,
Não vejo impugnações , só vejo insultos.
Muitos na antiga idade , e na presente ,
Teu erro assoberbou ! No Peripáto
Eu vejo o Panteismo , e o vejo nesse ,
Que a verdade indagou , que em Deos só via ,

Como em substancia immensa, as cousas todas.
Eu te posso impugnar, e outros te insultão.
Os erros Metaphisicos não tolhem
Em ti Moral austera, rejeitaste
A offerta de Condé, quando em não proprio
Domicilio te vio, co'as mãos calosas
Em trabalho mecanico buscando
Parco sustento, humilde vestidura;
Na soberba París te franqueava
Marmoreo Paço, ricas equipagens.
Alta Potencia da Opulenta Hollanda
Seus cofres abre, e te offerece o ouro;
Verdadeiro Filósofo rejeitas
Dos homens o favor, do Mundo o fausto.
Tu na propria virtude involto vives:
A Natureza basta, a quem do pouco,
E até do nada se contenta, e vive.
Dos dons da Natureza impia Fortuna
Em ti se quiz vingar, fez que odioso
Fosse teu nome aos seculos, ao Mundo.

Applaude o erro do Romano Vate,
Que huma substancia só n'Orbe conhece,
Dizendo afouto em Verso alti-sonante
,, Tudo o que vês, e o que não vês he Jove. ,,
Mas foste Portuguez, teu crime he este.
Porque ao berço ajuntaste engenho, estudo,
E na vida civil, retiro, e honra.
Dêo-te o trabalho pão; nunca a lisonja,
Nunca o bater servil de hum Grande á porta.
Reprovo em ti doutrina, e louvo o homem,
Nas sombras Metaphisicas te perdes,
Conservando a virtude intacta, e pura.
Dourado Busto tens no Templo eterno,
Que imaginosa Poesia eleva
No espaço aéreo dos mortaes ignoto.
A par deste eu descubro em aureas bases
De Hombergio os Bustos, Malebranche, e Locke.
Em circumfuso fluido brilhante
Para hum Mundo ideal seus passos guião,
Ou despregando audaciosos vôos

Vão romper, e rasgar Cimerias sombras,
Sem fallar ao sentido, ás almas fallão,
Do entendimento os penetraes abrindo,
A' escrupulosa analyse o sujeitão.

Quantos talentos assombrosos vejo!
Entre o Germano agudo, e o Franco ameno
Do Italico Saber vejo os milagres;
O que Apolonio, e Diofante excede,
Do grão Toscano a par brilha Viviani.
Mais de huma Hypacia nos descobre a Italia;
E a que vira huma vez Alexandria
A escuta-la parando o immenso Nilo,
Muitas escuta o formidavel Tibre,
O Arno ameno, o limpido Sebéto;
Aquelle as veigas de Florença banha,
E do Vesuvio a falda ext'outro lambe.
Fragil sexo gentil na Italia he grande;
Inda no Templo augusto a imagem linda
Da formosa Ardinghelli admiro absorto.
Nos labyrinthos do profundo Euclides

Com ella entrava a portentosa Agnesi.
Outra Laura maior qu'essa, qu'outr'ora
Do Vate, todo amor, dêo força á Lyra
Nas sublimes Canções, que ind'hoje admiro,
Nos penetraes da Natureza entrando,
A Spallansani explica altos mysterios,
Que sempre nos revela, e nunca explica,
De si mesmo ciosa, a Natureza.
Com seus Escriptos Boscovich subia
No immenso espaço a passear nos Astros.
Maraldi não foi mais, nem foi Cassini!!
A eloquencia, e saber, que rompe, e corre
Em doces ondas de purpureos labios,
Mais nos commove, nos convence, e toca.
As roseas faces, a nevada fronte,
As douradas madeixas, que fluctuão
Como em ondas subtis no eburneo collo,
A's Letras dão mais luz, brilho ás Sciencias:
Talvez se illuda o nosso entendimento;
Mas ditosa illusão, ditoso engano!

*

E se austera virtude o não comprova,
Oh! Quanto o pede a Natureza, quanto!
Algaroti, teu vulto alli contemplo;
Dêo-te d'Adria a Rainha o berço illustre,
Tu mais lhe déste co'o Saber immenso.
Sua luz te outorgou Filosofia,
A quem soubeste unir amenidade,
Com que douto trataste as Artes bellas;
Materia dando á muda Poesia
Quando aos pinceis de Teoppleto mostras,
Quanto de bello a Natureza ostenta
No arduo soberbissimo Apenino;
De cuja cima vendo ambos os mares
O inquieto Adriatico, o Tirreno,
Lhe apontavas os Quadros portentosos,
Em que encontra rivaes a Natureza.
Do Salomão do Norte o amigo foste,
Frederico era Rei, e eu sou Poeta;
Grande te fez no circulo da vida;
Durão mais que as Piramides os Versos,

Durão mais do que o jaspe, e mais que o bronze,
E nelles eu farei teu nome eterno.
Entre o fulgor da purpura brilhante
Eu vejo Passionei, cede-lhe a Palma
Demosthenes, e Tullio, inda que venhão
Do grão peso dos seculos seguidos;
Não tem que opponha, que lhe iguale o Sena.
Inda menos terá que oppôr-te o Mundo,
O' portentoso, universal Roberti!
Não me cega o furor, com que do Tibre
Eu volvo as producções, e estudo as Artes.
Da Italica Sciencia espavorido,
De prodigios sem numero espantado.
Em mais sublimes extasis me elevo,
Vendo no tôpo do Sagrado Alcaçar
Hum novo Monumento estranho e raro.
Sobre o cume do Monte bi-partido,
(Divinal Escultura!) huma soberba
Aguia caudal estende as pandas azas,
E acena de elevar-se aos Ceos serenos.

Aureo Busto descubro em aurea base,
Da Fama pelas mãos lavrado, e posto.
Ella mesma, embocando aurea Trombeta,
Nos mais remotos angulos da Terra
Faz ouvir, e adorar hum nome: „ Ao Tasso. „
De Homero, e de Virgilio hum pouco abaixo
Em bronze via os respirantes vultos,
Tanto póde o cinzel! Parecè olhavão
Com sincero respeito á Aguia sublime,
Que mais que elles ao Ceo remonta os vôos.
Esculpida na base a Arpa divina;
Donde os sons extrahio Divino o Vate,
Com que em todos os seculos só elle
Eterna fez Jerusalem terrena.
O' grande, unico genio! Oh! Quem podéra
Aproximar-se a ti nos sons cadentes,
Com que do mar ao Vencedor consagro
Não inglorio Troféo, que aos Evos mostra
Talvez do humano esforço á mór façanha,
Destinada do Ceo somente aos Lusos.

Em seu regaço o tem Filosofia.
Do humano coração ninguem mais que elle
As sombras penetrou, e expoz a lide
Das humanas paixões tumultuosas!
Os pinceis de Le Brum não são mais fortes,
Quando as batalhas de Alexandre pinta,
Se no duéllo de Tancredo, e Argante
Odios, furias, amor retrata, e mostra;
Ou chora de Clorinda o fado, e morte,
Da terna Erminia as lagrimas, o luto,
De Reinaldo o valor, de Armida as Artes;
Quando no Carro por Dragões puchado
No extenso espaço liquido dos ares,
Ao encantado Vergel conduz o amante:
Elle que ao fero Saladino o elmo,
E diamantino arnez fende co'a espada,
Em molles braços recostado deixa,
Que huma seta de Amor lhe vare o peito.

Desta luz ao clarão, que o Templo enchia,
D'Anglia, e vasta Germania os Sabios vejo;

Alli d'Hobbes descubro a imagem triste ;
Que no Dedaleo labyrintho entrava ,
Em que involvida humana Sociedade ;
Nem toda se nos mostra ; ou toda esconde ,
Julga que o nosso primitivo estado
Ao homem natural fôra o da guerra :
Paradoxo , que arrasta , e que deslumbra
O Genebrino , fluctuante Sabio ;
Que os homens aborrece , os homens busca ;
O estado insocial dos brutos louva ,
E mendiga nos aureos alizares
O pão dos Grandes , o sorriso delles ;
Amargo como o fel , vil como o lodo.
Ah ! Que se esquiva aos sons melodiosos
Da Lusa Poesia o accento agreste
Da Lingua do Tamisa , e do Danubio !
Foge ao compasso , e magica harmonia !
De Cumberlande , e Coduvorth , e de Hume
Alli descubro os magestosos Vultos ;
Desse , que tanta luz nas sombras lança

Do Baixo Imperio nos Annaes confusos,
O penetrante, e circumspecto Gibbon;
Profundo, e novo Tacito assignala
A's humanas acções principio, e causa;
E ás virtudes dos Reis, dos Reis aos crimes,
Com caracteres immortaes, levanta
Alto padrão nas paginas da Historia,
De amor, e de aversão tributo eterno.
De Salustio rival, seguindo ao perto
Do eloquente Amiano a Luz, e o Genio;
E da gelida Escocia o timbre, e a gloria,
Que na eterna Metrópole do Mundo,
A eterna paz de hum tumulo quizeste,
Sobre-humano Braclay, de assombro cheio,
O teu profundo entendimento acato.
Dos Palacios dos Principes té agora,
Os intricados cegos labyrinthos,
Tu mais déstro que Dédalo devassas,
Co'a ficção mais feliz, com aureo estilo,
Qual magestoso Tullio, ou qual Petronio,

Mais que Petronio na pureza, e graça.
Argénis! Poliarco! Oh portentoso
De meus queixumes balsamo suave!
Nos trances mais crueis da infausta sorte,
Foste a meu lado luz, remedio foste!
Vejo o frio Danubio, o grão Bruckero
Nascido foi para illustrar o Mundo:
Dêo-lhe os Annaes da Sapiencia humana.
Mais do que o Sabio de Estagira escuro,
Mais do que fôra Lycofronte o Vate,
Vejo a Kant taciturno, ou vejo o Enigma
Não decifravel, não, a Edipo em Thebas.
Do Prusso Lidador, Monarcha, e Sabio,
O Amigo, o Mestre, a Luz, a Gloria, e tudo,
Mendelson subtilissimo apparece!
Não subio mais Platão, quando do Bello
Perfeito no Ideal co'os Sabios dava
Na douta Athenas o exemplar sublime.
De Lusitanos Pais Mendelson Filho,
Como o Bátavo Hebreo, tão raro engenho,

Com elle huma substancia em Deos só vira :
Infinita extensão, e os modos varios,
Membros de hum corpo só, mas infinito.
Do Preceptor de Nero este o delirio !
Tem limite o vastissimo Oceáno,
Intransgrediveis a Razão tem marcos,
Nem pode, além dos quaes, dar mais hum passo.

De ti, Filosofia, ávido amante,
E lembrado do Tejo, em teu Palacio
Os filhos tens, do Tejo habitadores.
N'hum throno igual, ou superior a muitos,
Vi collocado o portentoso Nunes.
Astros, Astros do Céo prende-vos este.
O subtil instrumento he obra sua,
Que desde a Terra ao Ceo mede a distancia;
Do maior dos mortaes nas mãos o entrega
O Nauta Portuguez, Senhor dos Mares,
Que he ser delles Senhor dar volta ao Globo,
Sem outra guia mais que esforço, e honra,
E a vingança tambem, mas d'huma afronta;

Inda he mór bem que a vida esta vingança!
Cook sem elle não podéra a Terra
Tres vezes rodear no ousado pinho,
Prendendo a arbitrio seu na excelsa pôpa
O vário assopro de inconstante vento;
Pondo a prôa na gloria, ou nella entrando,
Já vendo nella o Portuguez primeiro;
Immortal Magalhães, tu nos meus Versos
(Se tanto poder tem) terás o premio,
Que a teu merito nega a Patria ingrata;
Se a antiga Roma te gozára, ainda
Em seu Circo se vira a Estatua tua,
Como inda vemos do Septimio o Arco,
De Marco Aurelio o Equestre Monumento!
 Eu não deprimo o merito, o talento.
Naquelle eterno domicilio estavão
Da Gallia florentissima os prodigios,
Que ha pouco tempo vira a Idade nossa,
Que o furor contumaz, e impias idéas
De igualdade quimerica levárão

Ao Cadafalso, victimas da morte.
Venerando Bailli curvado ao peso
Da longa idade, que hum Tyranno acaba
N'hum Patibulo vil, e assim fenece
O Sabio, o profundissimo, eloquente
Da Sciencia Astronomica Analista,
Que o Mundo encheo de luz, de gloria a França.
Alli vejo Sonini, a quem Fortuna,
Por vingar-se dos dons da Natureza,
Pobre na vida fez, na morte inglorio,
Que até lhe nega as honras do sepulchro.
No Cadafalço infame expira o filho
Do sublime Pintor da Natureza,
Sobre-humano Buffon, que alli fulgura;
Não tem na base fulgida esculpidos
Outros symbolos mais da gloria sua,
Que não seja o seu nome, elle só basta;
Diz mais que a Historia, e mais que a Poesia.
De longe erguendo o braço, o Busto mostrão
Valisneri, Aristoteles, e Plinio.

Além do vasto procelloso Oceano
Eu descubro a Franklin, que involto em nuvens,
Ou de Jove nas mãos apaga o raio,
Ou divergente o faz do trilho usado.
Entre os feros Demócratas do Tibre,
Com Bruto, e Cassio o Sceptro arrancaria
A Cesar oppressor, e elle primeiro
Talvez no peito o ferro lhe embebêra,
Golpe, que hum jugo poz no collo a Roma,
Mais pesado, e mais vil que as vís cadêas,
Que lhe lançára o Dictador soberbo.
De Prussos vejo o Busto, o nome he grande,
Ou barbaro talvez não cabe em Versos;
Aurea lingua do Tejo em vão procura
Em seus cadentes numeros suaves,
E na Lira ajustar, que a Grega imita,
Os acres sons dos Hyperboreos nomes.
Mas não faz dura a metrica Harmonia
O teu nome, ó Lineo, inda que o berço
Te désse a agreste, e fria Escandinavia.

Alli vejo o teu Busto, alli cingida
A frente tens de peregrinas Plantas,
E tu, qual novo Adão, dás nome a todas.
Hum ramalhete de purpureas Flôres
A Europa, a Lybia, a America te off'recem.
Asia de tantas maravilhas chêa
Das margens do Mecôn, do Ganges, do Indo
Grinaldas te prepara, e t'as enastra,
Tão bellas, quaes as pinta o China astuto;
Ceilão entre seus balsamos as tece,
E o suave vapor, que Aurora exhala
Lá no berço onde nasce, e espalha rosas,
Em dourados thuribulos te envia.
Não tiverão os Reis tributos destes;
Ao Poder se negou, dêo-se á Sciencia.
Com tanta luz attonito, suspenso,
Volvo os olhos de hum lado, e bem no meio
Do Templo augusto hum Monumento estava;
Por argenteos degráos s'avança, e sobe,
Mas com trabalho, a base alabastrina.

Alli sentada Experiencia estava;
Eu prompto a conheci no rosto antigo,
Na longa veste, e tarja diamantina,
Em que esta li gravada aurea sentença:
„ Das cousas Mestra sou, dos Homens Mestra.„
N'hum Quadrado geometrico se assenta
O venerando Altar, e em cima posto
Vi como hum vaso de alabastro puro,
Que não de Fidias o cinzel abríra;
Teve artifices dous, o Estudo, e o Tempo.
Do seio lhe rompia etherea chamma,
Que, ante o Nume brilhando, aos Ceos subia.
Inextinguivel Lampada, que aumenta
Mais e mais o clarão, quanto mais voltas
Dá na roda dos seculos o Mundo.
Ao Numen se alevanta excelso Throno,
Mais que os rubins precioso; e mais segura
Materia tem, que o solido Diamante.
Tem cheio o rosto de viveza, e graça,
Que em nossos corações chammas atêa

De hum sobre-humano amor, que alma nos prende.
De estatura commum se me antolhava,
Mas logo a vi subida atê co'a frente
Ir topetar na abobada do Templo.
De fios subtillissimos tecidas,
Mas de materia indissoluvel, erão
As vestes, que ella traja, e que formadas
Forão por ella mesma, obra pasmosa,
Que do candido pé ao collo eburneo
Fórma diversos gráos: hum véo sombrio
(Por mão proterva lacerado em parte)
De negra antiguidade a involve toda;
Nas mãos tem livros de diversas linguas,
Sustentando tambem dourado Sceptro.
    A' minha Conductora, excelso Numen,
Me curvo humilde, a Magestade acato.
Titubeante, e trémulo, desta arte
Erguendo a voz hum pouco, então exclamo:
    O' tu do Estudo emprego, ó Madre excelsa,
Da intelligencia dos arcanos todos,

De que he fecundo o Ceo, fecunda a Terra.
Tu da verdade indagadora, e facho
Luminoso da vida! O' tu do vicio,
Tu da ignorancia, rispido flagello;
Tu, que és tudo ao mortal, que és luz, que és vida,
Ante teus olhos me conduz Fadiga:
Misero Vate eu sou, no peito acolho
Desejo de saber, sempre affanoso;
Apoz a imagem da Verdade eu corro;
Mas alma involta em sombra, e deslumbrado,
Enigmas obscurissimos diviso,
Nunca rasgada escuridão de arcanos.
Sentir, não perceber, a herança he esta,
Que aos miseros mortaes deixára hum crime.
Mas qual te vejo, o Numen, que orgulhosos
Amadores te cercão! Que ignorantes
Do acatamento, que a teu lume immenso
Devêo sempre guardar o engenho humano!
Deve qual pobre limpido regato,
A quem agua não dêo caudal torrente,

Correr tranquillo, e murmurar nas pedras;
Ao Pastor innocente, á Ninfa ingenua,
Objectos de prazer offerecendo.
Mas o desejo audaz, e o louco orgulho,
O torna rio impetuoso, e bravo;
Soberbo, ufano vai d'agua não sua;
Eis se despenha qual torrente Alpina,
Os campos cobre turvo, e furioso,
Comsigo leva o gado, e leva os troncos,
Leva o Pastor, e a misera choupana,
Té que cesse do ar chuva fecunda,
E, serenado o Ceo, primeiro orgulho
Então depõe, deixando a marge enxuta.

Mais quizera dizer, mas o Grão Nume,
Fitos em cuja frente eu tinha os olhos,
Sorriso divinal soltou dos labios,
E, doce voz alevantando, exclama:

Podem, meu filho, eternisar no Mundo
O mesquinho mortal meus dons sublimes,
E as idéas altissimas, e claras,

*

Que com mão déstra na sua alma imprimo:
Comigo, e o sentes tu, do peso humano
Se livra, e se desfaz o entendimento,
A's regiões mais altas se remonta;
Comigo sobe aos Ceos, comigo entende
Mysterios profundissimos, e entra
No seio occulto d'alma Natureza.
Essa eterna Razão por mim conhece,
Que se descobre, que fulgura em tudo,
Quanto descobre o Ceo, quanto na Terra
Nossos olhos attonitos contemplão.
A que mora no germe, occulta força,
A que a tudo dá fórma, e dá figura.
Por mim vai conhecer a origem d'alma,
Qual tenha em corpo humano assento, e throno:
A que fim se encaminha, e quaes s'encontrem
As desgraças, ou bens na incerta vida.
Perfeita mostro a máquina do Mundo,
E da Verdade ao Templo os homens levo,
Se ingenuos apoz mim seguem meus passos,

A conhecer reconditos principios
Das cousas, e seus gráos, seu tempo, e marcha,
Que ás cousas tem marcado a Mão do Eterno,
Deste Nume Immortal lhe aponto a Essencia,
Que Elle faz conhecer nas obras suas,
Alto clamo aos mortaes, que lhe obedeção
A' Lei, e Ordenação. Eu só lhe ensino
A dar justo valor, dar justo apreço
Ao que falso se mostra, ou verdadeiro.
Se o prazer, a que he mixto o pranto, a mágoa,
O pungente pezar, que he tardo sempre,
Os homens sabem condemnar, eu mesma
Lhe inflammo o coração, lhe aclaro a Mente.
He meu proprio este dom; por mim descobrem,
Que he só feliz na Terra, he Sabio, he Grande
Quem se domina a si. Guia incorrupta
He minha luz nas sendas intricadas,
Por onde a vida humana incerta corre,
Ignara de seu fim, da origem sua.
Eu primeiro lhe mostro, eu lhe preparo

No templo da Virtude excelso assento;
Do Christianismo um Mestre, um Sabio, um Grande,
De Alexandria nas Escolas doutas,
Da Eterna Luz aos homens revelada,
Pedagoga me chama, e o sou por certo,
Pois eu co'a luz da simples Natureza
Levo os Mortaes á crença de Mysterios,
Que á Razão não s'oppõe, mas são mais altos;
Tem por base segura Omnipotencia,
Que tão visivel se mostrou na Terra.

Mas eu volto comtigo ao Templo augusto,
Que inda que erguido o vês, não he remoto
Da terrea habitação do engano, e minha.
Olha, admira, contempla a excelsa móle,
Ella he d'honra immortal o alto ornamento,
Que eu mesma á Gloria levantei, com ella
Dos Pontifices meus premeio as obras,
E lhes eterniso o nome excelso, e grande.

A Deosa immudecêo; á dextra eu volvo
(Nunca confuso assim) trementes olhos;

E no meio da luz brilhante, e pura
Soberbo alçar-se Monumento vejo;
Nelle gravado estava o nome illustre
Do tão profundo, e portentoso Newton,
N'hum Pórfido immortal, que nem de Augusto,
Ou no Tibre cobrio geladas cinzas,
Ou do grande Pompeo fechou no Nilo
Restos, que aos olhos merecêrão pranto,
E ao peito a dor do triunfante Cesar.

Depois que vezes mil na estranha, e grande
Móle fitei maravilhados olhos,
Por longo tempo absorto, contemplando
Aquella d'alto engenho obra estupenda,
Ao Britanno immortal sagrei com votos
Sincero o coração, minh'alma ingenua;
Este o feudo da estima, e do respeito,
Que eu primeiro paguei, Nação soberba,
Que aspiras a empunhar no vasto Oceano,
Sem conhecer rival, o azul Tridente.
Mas eu sou Portuguez, e armas não podem

Alhêas deslumbrar-me; eu vejo as Lusas
Hum Throno levantar no acceso Oriente,
Antes que armados torreões mandasses
Dos mares devassar remotos seios;
Nunca chegaste, nunca á plaga impervia,
Que no gelado Antartico s'esconde,
Sem que em Padrões de perennal memoria
Visses o nome Portuguez gravado,
E nos muros, ond'hoje ao ar despregas
Com tanto orgulho a triplice bandeira,
O Pendão Lusitano alli primeiro.
Eu não te invejo sórdida avereza,
Sagrada fome d'ouro, a quem somente
Sabes sacrificar renome, e gloria,
A'industria maquinal querendo o Glôbo
Sempre sujeito vêr, e escravo sempre.
Se de Safiras atulhados cofres,
Fios de brancas Perolas, Bisalhos
Dos tão buscados, fulgidos Diamantes,
Se os accesos Rubins d'Asia recebes,
Já d'Asia hum Portuguez trouxe mais q'isso;

Do Indo, Hidaspe, e Gange as aguas trouxe
Dentro em barro Chinez, e era Ataide.
Será maior teu Rodney, ou teu Nelson?
Nem teu Monke he maior, se o Sceptro enjeita,
Firmando o Diadema em Regia frente.
E's grande para mim, porque em teu seio
Bolimbroke apparece, Addison, Pope;
Apparece Bacon, Milton tactêa
Arpa tocada só de Hebreo Monarcha.
Em ti tiverão berço Locke, e Tompson,
Boile, Derhan, que a Natureza indaga,
E lhe arranca do seio altos mysterios!
Richardson tambem, que abre, e franquea
Do humano coração sacrario occulto,
No labyrintho das paixões deixando
Sempre hum seguro fio á Mente incerta
Entre profundas carregadas sombras.
He esta a fonte de respeito, e estima,
Que eu Vate, que eu Filosofo consagro
A ti, grande Nação, soberba, e forte.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

CANTO III.

Tinha ficado em extasis profundo
N'alma volvendo o Monumento augusto:
Desta abstracção maravilhosa surjo,
Da Fadiga ao clamor levanto os olhos,
E vejo de repente em lédo aspeito
Dous vultos feminís de estranha fórma:
Hum nos hombros sacode argenteas azas,
E sustenta na mão dourada Tuba:
Vi que era a Fama, que immortaes Escriptos
Do Britanno pasmoso aos Ceos erguêra;
Outro era a Gloria, que os sustenta, e guarda
Do ferreo pê dos seculos vorazes.

Destes Numes he obra, he maravilha
O excelso Cenotafio. Aos pés sentada
A Virtude admirei simplice, e nua,
Ella serve de base á Móle egregia.
Alli, rasgando as sombras do futuro,
Com clara voz me diz Mente presaga,
Que saberão no Mundo os tardos Netos,
Que eu no Mundo existi, que no meu peito
Cahio em turbilhões Pierio fogo.
De huma materia original extractos,
Dous pedestaes estão, que no encendrado
Ouro conservão symbolos diversos;
Servem de base a lucidas columnas,
No meio huma Pyramide s'eleva,
Mostrando em seu triangular remate
Do fogo, e clara luz o assento, e throno,
Qual d'entre os Gregos o mais douto o mostra,
Crendo que deste fogo a alma era chêa,
Que qual laço entre si sustenta, e prende
Incorporea sustancia ao corpo inerte;

Metaphisico abysmo, e nexo ignoto
A' debil luz de humano entendimento.
Daquelle fogo cópia interminavel
De Mónadas sahio, qu'inda hoje o Astro,
Que o dia nos conduz, do seio espalha
Esse immenso esplendor, que Luz se chama,
E que á voz do Immortal brilhou primeiro.
Do Soberano Artifice foi este
Corpo de Luz a mais formosa, e bella,
Que visiveis nos são, das obras suas.
Excede a nossa intelligencia, excede
A sua rapidez; correm velozes
Do fogo estas particulas, e passão
Dos Ceos a immensidade, em toda a parte
Se diffundem no ar; destas pequenas
Porções de clara luz tem lume os Corpos,
Sempre impellido vai, vibrado sempre
(Continua undulação) primeiro raio
D'outro, que delle apoz o Sol despede.

Diante da Pyramide sublime,

Entre as columnas s'elevava ingente,
Firme, segura base: Ordem Toscana
Com magestade adornos lhe formava:
Esculpido alli vejo o teu grão nome,
Profundo Galileo; tu preço, e gloria
Da Etrusca Sapiencia, e nobre timbre,
D'alma Cidade, que em seu gremio ouvíra
Os magos sons da Cytara suave,
Que fez Laura immortal; que ouvíra outr'ora
Da bôca de Ficino auri-eloquente,
Do mistico Platão mysterios fundos.
Onde a luz respirou mortal ditoso,
Que ao descoberto, inculto, ignoto Mundo
Seu proprio nome dêo, e ind'hoje vive.
Immortal Galileo, devem-te os Sabios
Da Terra aos Astros o caminho aberto,
Qual deve a Magalhães o Nauta a senda
Na vastidão do Mar nunca rompida.
He teu brazão somente, he gloria tua
Avisinhar as lúcidas Estrellas

Deste globo da Terra, e quasi ignoto
Nos espaços sem fim, e onde espalhados
Por mão d'Omnipotente os Mundos girão;
E se o Toscano Ceo d'Astros he cheio,
Que ao throno Medicêo docil formárão,
O teu engenho inaccessivel abre
Nova estrada ao Saber; Britanno illustre
Por ella foi erguer obra admiranda,
Que consagrada á lúcida Verdade,
Da proterva ignorancia o orgulho opprime.
Immortal Galileo, ao dia, ás Luzes,
Que teu saber profundo aos homens trouxe,
Se oppoz a cega audaz insipiencia;
Inda agora se oppõe, qu'hum véo sombrio
Tentou no Sena despregar-te em cima.
Se o fóco do Saber; a Italia culta
Ao portentoso Galileo não dera
O berço, e tambem carceres, e ferros,
De louros immortaes, por certo a frente
Não cingira Britannia, e a Galia menos,

Co'os filhos, seu brazão, Newton, Des-Cartes,
Que o compasso geometrico empunhando,
Da Natureza os porticos abrirão,
Ao calculo prendendo as Leis do Mundo.
  Dos labios, sobre a base alta, e segura,
Da pesada Magnéte, eu vi dous globos;
Da Magnéte, mysterio indecifravel,
Que inda em distancia igual conserva o Sabio,
E o vulgo embrutecido inerte, e rude.
Virtude de attracção nella reside;
Se a mente a não conhece, a vista a sente:
Pegando, unindo a si (constante arcano!)
Esse metal cruel, sagrado a Marte,
Que he nas mãos dos mortaes rival do raio,
E mil vezes o Globo afoga em sangue.
Esta ao Mundo proficua, ignota força,
De teu continuo meditar foi obra,
O' Genio do Tamisa, este prodigio:
Elle, ò Genio profundo, a teu Systema
A base foi lançar, e abrio caminho.

Elle a prova te dêo , nelle encontraste
Reciproca attracção dos Corpos todos.
Força de antigos évos ignorada
Foi attracção reciproca , e foi sempre
Centri-fuga , e centri-peta esquecida ,
Com que estranhos fenomenos s'explicão.
Em seu lugar as gárrulas escólas
Sonhárão nome occulto , occulta força :
D'odio , e de amor combate, e guerra eterna ;
Horror do vacuo , e qualidade ignota.
N'hum dos Globos está gravada em ouro ,
Por mão de Ptolomeo , a etherea esfera ,
A' qual d'ambito immenso a Terra he centro ;
Acima della brilha argentea Lua ,
Que o nocturno clarão do Sol recebe.
O Mensageiro dos celestes Numes
Muito acima fulgura ; e essa que teve
Clara belleza , o berço n'Oceano ,
No que he terceiro Ceo caminha , e brilha ;
Precede o dia , quando nasce ; e surge ,

Quando o disco do Sol no mar se atufa.
D'aurea luz coroado, e ardentes raios
O Sol succede: e se descobre Marte,
Rodando n'outro Ceo, sanguineo, e torvo.
De Jupiter o Globo immenso, e claro,
E n'hum remoto circulo caminha.
Inda além delle vagaroso, e frio
Vai do antigo Saturno o frôxo raio.
Immoveis pontos, trémulas Estrellas
No cristalino assento immoveis brilhão.

Obra do grão Copérnico descubro
N'outro Globo esculpida immensa esfera;
Della he Sol luminoso immobil centro,
Que tão proximo a si Mercurio observa,
Que immerso em sua luz se mostra á vista.
Vai n'hum Carro apoz elle a Cypria Deosa,
Roseos freios batendo ás alvas Pombas,
Mais bello, e luminoso entre os Planetas;
E n'outro Ceo mais alto a escura Terra,
Como os outros rodando o giro absolve;

Nem centro já do Planetar Systema,
Como fôra até alli julgada, e tida;
Da Lua seu Satellite escoltada,
E de seu curso variante he centro.
Em sua rotação do Sol em torno
Nos traz as Estações, nos marca o tempo.
Das feras armas lugubres o Nume,
A quem tanto tributo em sangue, e luto,
E até paga com lagrimas a Europa,
Roda depois da Terra, e depois delle
Vai de quatro Satéllites seguido
De immenso corpo o luminoso Jove;
Luas, que observa Galileo primeiro,
Fanaes ao Nauta são no vasto Oceano;
E do tardo Saturno a ingente móle
De variante annel cingido avança,
De sete Luas gira acompanhado.

Profundo estudo architectou tão bella,
Tão engenhosa máquina prestante;
Entre os gêlos Sarmaticos levada
*

A' maior perfeição; pois já n'antiga
Idade a vio sahir absorto o Mundo
Das mãos do sabio escravo do eloquente,
Entre os Romanos o maior, que he Tullio,
A quem, deposta a Consular soberba,
Se dignou de escrever, chamar-lhe amigo.

Sobre estes Globos se sustenta, e firma
A urna sepulchral mais nobre, e rica,
Que essas, que encerrão pelo turvo Nilo
As immortaes Pyramides soberbas,
Architectada, e repulida brilha
De Prisma em fórma, e de materia ignota,
Mais brilhante que o lucido Diamante,
E que o Rubim mais solida, e segura.
Não folhagens de Acantho, e de Cypreste
Alli poz Escultura; em vez de enfeite,
Em vez de tristes symbolos da Morte,
Só gravou Mathematico Instrumento,
Com que medir dos Ceos a immensa estrada
Usa Idéa Astronomica sublime.

De negro Paragom moldura observo,
Que em si contém de Isac a imagem viva:
He relevada em fulgida Esmeralda:
Parece que inda volve, e que inda alonga
Os claros olhos aos remotos Astros,
E que luz Filosofica respirão;
E tanto ao vivo está, tal arte a fórma,
Que, se a vista acredito, eu cuido ainda,
Que sólta a doce voz, que os labios move.

Vi que o relevo portentoso, e raro,
Sustido era nas mãos de hum Genio illustre,
A quem dêo berço d'Adria a Grão Rainha,
Que escrava vimos ser de escravos feros,
E que hoje as Aguias do Danubio empolgão.
Genio, que objectos da terrena estima
Aos pés soube calcar, e além subindo,
Onde o fragil mortal mui raro chega,
Teve ao lado virtude, e teve o gosto,
Que esse bello ideal nas Artes busca.
O Vate de Venosa, ou vence, ou segue:

Em sua alma sublime ás Musas dada,
Digno alvergue encontrou Filosofia.
Pelas veredas do Saber caminha
De Newton ao farol brilhante, e puro,
Caro ao Rei, que juntou com laço estreito
De Minerva, e de Marte o Genio, as Artes,
A pacifica Oliva ao Louro ajunta:
Sabio Monarcha, que estendeo vivendo
Mão bemfeitora ás Musas desvalidas,
Ao lado, como amigo, os Vates senta;
E no potente Reino ás armas dado,
De Augusto fez raiar dourados dias:
Soube honrar Algaroti, ó fausto nome,
Tão doce, e grato ao sexo lisongeiro!
Mil vezes une formosura, e letras!
Da nivea mão, travando-lhe, o dirige
Pelas arduas do calculo veredas,
Ensinando-lhe a vêr sem nojo, e pena
Os labyrinthos das traçadas Linhas,
Nos cubos, nos triangulos de Newton.

Tem nas mãos do Filosofo o relevo,
Que ao vivo representa, ao vivo exprime
Do grande Explorador da Natureza
O respirante, magestoso vulto.
Sobre a moldura superior s'estendem
As azas fulgentissimas do Genio,
Da tão difficil Optica pasmosa,
Com septemplice luz se espandem bellas,
Que as côres todas primitivas guarda.
O corpo fermosissimo se cobre
De hum sendal claro azul, qu'estrellas bordão.
Na dextra mão sustenta huma grinalda,
De pedraria Oriental composta,
E acena de cingir com ella a frente:
Na esquerda mão sustenta os luminosos
Cristaes em Lentes, que afeiçôa, e pule
Co'as doutas mãos Filosofo tranquillo,
O Portuguez Hebreo no Hollanda escura,
Que a vil lisonja desprezando ufano,
Banha o pão com suor, trabalha, e vive.

D'aurea madeixa hum raio o Genio expande,
Que composto de mil fulgura ao longe;
Resulta deste a côr candida aos olhos.
Da urna sepulchral no seio o raio
Se refrange instantaneo, em parte opposta
Quadri-longo se vê, posto que fosse
Esferico ao sahir da Origem sua.
Diversos gráos, e proporção distincta
As cores entre si guardão, conservão.
A brilhante escarlata occupa o fundo,
O laranjado o meio, e qual no Goivo
O amarello se mostra, alli campêa:
O verde então se vê, que europa as plantas;
Vegetação Rainha assim se ostenta
Este o Manto Real no vasto Imperio,
Com elle se atavia, e o Mundo enfeita.
Do azul, que forra os Ceos, o Indico he perto.
Da Saudade o magoado aspecto,
Matiz da Violeta, eis brilha o rôxo.
Escala harmoniosa, e della em torno

De huma composta côr listões s'estendem,
Que outros compostos gradativos formão,
E adornos são do Mausoleo soberbo.
Combinação das refracções diversas
Da portentosa luz nos corpos varios,
Da Eterna Sapiencia apuro extremo;
E n'hum Rubim, com déstra mão gravado,
Este não visto Oraculo se admira:
„ *Em suas Leis involta a Natureza*,
„ *Como em escuros véos permanecia*;
„ *Chama Newton á vida a voz do Eterno*,
„ *O que era noite se converte em dia.*

Do Monumento augusto em torno vejo
Tres respeitaveis magestosos Vultos;
Hum veneravel Ancião co'a frente
Lisa, e serena, os olhos elevados
Aos claros Ceos, aos Astros rutilantes,
Crê que habitados são, que a argentêa Lua
He como a Terra povoada, e cheia
De semoventes animados Seres,

Do Ente pensador tambem morada;
Fontenelle se diz, co'a mente accesa
Mundos acha sem fim no éther immenso;
Outro em confusos vórtices levado,
No centro d'hum depara o Sol brilhante,
Em seu giro assignala o moto aos astros.
Tem sobre o Cenotafio os olhos fitos,
O simulacro observa, e mudo adora.
Entre estes ambos Maupertuis deviso,
E sobre hum Globo estende aureo compasso
Involto em cerrações do algente Pólo,
Geómetra sublime, os gráos lhe mede.

Sobre tudo alli pousa a Eternidade,
De insopportavel Luz clarão diffunde,
Em que a vista se perde, e se deslumbra,
Se fita encara o pelago profundo.
Eternidade, Eternidade! Abysmo,
Onde nunca jámais tocára a sonda
Do limitado entendimento humano!
Eternidade, que limite ignora,

Onde nem antes, nem depois s'encontra!
Eu contemplava o Monumento excelso,
Naquelle Tempo consagrado á gloria
Deste mortal pasmoso, que escalára
As muralhas altissimas, aonde
Inexplicavel Natureza guarda
Os seus arcanos dos mortaes aos olhos.
Destes accesos extasis me arranca
A Fadiga outra vez. Conserva, ó filho,
Dentro d'alma gravado isto que observas,
E quando em vôos rapidos desceres
A' tão mesquinha habitação terrena,
Aos transportados homens o annuncia:
Vai declarar insolitos prodigios,
Na Móle sepulchral symbolisados;
O Mundo existirá: Newton sublime
No Mundo existirá, té que elle fique
Na espantosa catastrofe em ruinas,
Seu throno erguendo sobre a immensa, e clara
Luz, que só elle dividio na Terra.

Eis se esconde a Visão, eis foge o Templo,
E se esvaecem subito as Imagens;
O mesmo monte s'escondêo; vapores
Levantados em torno á vista enferma
Sobre mim denso véo de nuvens formão.
Da escuridão no centro me parece,
Que rompe o dia, que me chamma ao duro,
Lagrimoso trabalho, herança minha,
N'huma absoluta escuridade inglorio,
Deixado á reflexão, e á Natureza,
Sem murmurar do Ceo, que assim lhe aprouve,
Em doce paz o tumulo esperando,
Pouco distante já, nelle s'encontra
Diamantino pavez, que os venenosos
Tiros da Inveja livida não várão.
Claro Sol da existencia o ocaso toca;
D'entre nuvens já lança huns debeis raios.
O Mundo s'escurece, os horisontes
De dubia luz o resto apenas guardão.
Junto a mim vejo o féretro, já chega,

Eu da noite infinita as sombras entro.
Foi pouco o que passou, nada o que resta:
As pulsações do coração se afrôxão:
Dos labios vai fugir suspiro extremo.
Foi-me a Terra madrasta, ingrato o homem.
Somente Cidadão fui do Universo,
De humana especie incognito individuo:
Contemplação profunda, alto silencio
Minha partilha foi, fructo ignorancia,
Mas sem que a vil lisonja hum pão mendigue;
Nem aos soberbos Porticos dos Grandes
A dependencia guiará meus passos;
Nem vergonhosa supplica aos ouvidos
D'hum homem meu igual levei té agora.
Falte em que pôr os pés mesquinha terra,
Injusta collisão d'almas obtusas,
Abjectos vermes na Sciencia, em tudo,
Mas grandes na ignorancia, e na impostura,
Me procure azedar cadentes dias;
Nem duro, e negro pão banhado em pranto,

E obtido com suor, me escore a vida,
Nem tenha onde evitar (paredes nuas)
O rigor da estação, do tempo a injuria:
Faltem-me sete pés de terra ingrata,
Onde o frio cadaver se me esconda;
Nem abatido o espirito, nem triste,
Nem turvo o rosto me verão no Mundo:
N'huma, e n'outra fortuna equilibrado
Do Estoicismo rigido na Escola
(A que meu nome dei, e a vida gasto)
Este axioma sem cessar escuto:
„ Dos males todos o menor he morte. „
Só chamo minha a morte, a força armada
Dos poderosos Déspotas da Terra
Não ma podem tirar: a morte he minha;
E pois devo morrer, sou grande, e livre,
Sou nobre, independente, e sou ditoso;
Se em meu estudo ha fructo, o fructo he este.
Nem transitoria vida he bem, que valha
De huma vileza só, de hum vicio o preço.

Mas em quanto este circulo não fecho,
Breve entre o berço, e tumulo, desejo,
Ingrata Patria, engrandecer teu nome,
E qual foste mostrar-te ind'hoje ao Mundo.
Neste seculo infausto á paz negado,
Em que tudo s'esquece, excepto o crime,
Nisto medito só, nisto trabalho.
Neste seculo infausto, e nesta luta
Vertiginosa das paixões, dos erros,
Que das cousas mudára essencia, e nome,
Que á dura escravidão, e aos ferros duros
Se chama liberdade, e chama estado
Da simples, pura humana Natureza;
Que espirito servil se chama á gloria,
Que o Varão Portuguez mostra nos feitos,
Com que o Throno defende, a Patria escuda.

Menos barbaro foi por certo o tempo,
Em que do Pólo Aquilonar rompendo
Fero Ataúlfo, e Genserico veio
Despedaçar dos Cesares o Throno;

He Theodorico barbaro; mas surge
D'entre a sombra hum clarão, Cassiodoro;
Dá-se apreço ao Saber, respeito ás Musas,
São Filosofos Simaco, e Boécio,
Da Eloquencia Latina inda o thesouro
Conserva Apolinar, sustenta Ausonio.
Athenas, transplantada á foz do Nilo,
Da Grega Sapiencia o brilho exalta.
Mas agora!... Oh! Com lagrimas aumento
Do Patrio Rio a turbida corrente....
Lutos, revoluções, guerra, ignorancia!!
Porem eu torno a mim, no eterno Templo
Co'a fantasia fervida me entranho,
Onde as imagens resplendentes via,
E que absorto contemplo, absorto admiro.

Quanto ao Britanno illustre as Artes devem!
Que cousa seja a máquina do Mundo,
Somente o seu Auctor conhece, e sabe,
Que espaço occupe no infinito espaço,
Como do Eterno á vóz surgio do nada,

Sombras são, que os mortaes romper não podem;
Nem tanto a Salomão foi dado outr'ora!
Mas conhecer-lhe as Leis, mas sujeitar-lhe
O movimento ao calculo profundo,
E na duplice opposta, immensa força,
Com que he levado ao centro, e delle foge
No Systema Solar fechado o corpo,
Como dest'arte o circulo descreva,
E se mova mais rapido, ou mais tardo,
Na razão da distancia ao centro immobil,
Tu só podeste, Newton portentoso,
Taes mysterios expôr com luz mais clara.
Oh! Genio transcendente, a Fama tua
Somente ha de acabar quando se solte
A chamma voracissima de fogo,
Que esta Terra, estes Ceos converta em cinzas,
E deste Mundo a máquina se acabe,
Como hum Divino Oraculo apregôa.
Foste mortal, ó Newton, mas parece
Que de hum Astro natal vieste ao Mundo,

Ignotos aos mortaes mostrar prodigios.
Tu, co' o Prisma na mão marcaste a fonte
Da septi-forme côr, que a luz encerra.
Inda a mais progredindo a mente excelsa,
Não se perde no calculo infinito,
Abysmos, onde nova ignota estrada
Franqueaste aos mortaes, sahindo ovante
Do labyrintho de infinitas Curvas,
Pois se a recta diverge, então se fórma
Sempre em curva infinita... O' sombra! As Musas,
Em te encarando, timidas s'espantão;
E bem como ás solicitas Abelhas,
A terra só lhe apraz, que as flores vestem,
De que os succos melifluos delibem,
N'harmoniosa Poesia, e muda
Não se conhece o calculo, mas côres,
Que d'hum bello ideal mostrando o Quadro,
A' viva fantasia, aos olhos fallão,
Terriveis como o Guido, ou como Albano,
Das Graças suavissimas seguido.

Bastava, ó grão Filosofo, bastava
Para illustrar teu nome a Luz, e as Côres.
Tu quizeste da Luz transpor o Imperio,
Foste os Astros seguir no eterno moto,
Da Geometria nas valentes azas.
Desta esfera naquella ousado foste
Correr de Sol em Sol, sem deslumbrar-te.
A recondita Lei tu nos revelas,
A sempiterna Lei, que chama os Astros
Para hum centro commum; a Lei que os fórça
A descrever, sem descançar, a Curva,
Com que em torno do centro o giro absolvem;
Perpetua rotação, perpetuo moto,
Em que os conserva o Braço Omnipotente,
Que dêo primeiro impulso á massa inerte,
Quando os Entes chamou do nada á vida.
O moto desigual da argentea Lua
A teus profundos calculos sujeitas:
Tu no moto annual, tu no diurno
Escoltas passo a passo a Terra escura,
*

E do grande fenómeno espantoso,
Exposto sempre á vista, e sempre ignoto,
Com que ora sobem nas desertas praias,
Descem outr'ora as ondas inquietas,
Mais chegada á verdade, a causa apontas.
Se, os tubos astronomicos depondo,
Deixas de ir vêr nos Ceos rodando os Globos,
Não satisfeito de rasgar o obscuro
Véo, que involve, e recata a Natureza,
Pelos sombrios penetraes entrando
Com facho luminoso, e nunca extincto;
Tu nascido a dar luz, rasgas as sombras,
Talvez mais densas que no seio involvem
Já marcados periodos dos tempos.
Vai correndo o teu fio, apenas páras
No momento, que aponta o berço ao Mundo,
E da impostura oriental mofando,
Ou do fallaz mysterioso Egypto,
Só da verdade oraculos escutas;
Outra luz contemplando, então nos mostras

Na marcha, que vai tendo a Natureza,
Tão remoto não ser da Terra o berço;
A base, as progressões, a gloría, a quéda
De Imperios, que ambição levanta, e prostra.
Tambem Legislador dos tempos foste,
Seus constantes periodos marcando,
Pelas sombras da Historia a luz derramas,
Quando a base maior, Chronologia,
Tu deixas em teus calculos segura.

Da Natureza expositor, quizeste
As àzas despregar n'hum Ceo mais alto,
As cortinas fatidicas rasgando,
Com que a mão do Immortal cobre o futuro.
Foi teu maior estudo esse Volume,
Onde as visões de extatico Profeta
Em sombra impenetravel se sepultão;
Não vadeaveis, não, que os aureos Sellos
Só lhos deve romper momento extremo,
Quando oscilante a Máquina Mundana
Vir das nuvens baixar do Eterno o Filho.

Não foste grande aqui ; mas são pequenos ,
Quantos ousão romper comtigo as nuvens ,
Em que Deos quiz fechar Mysterios tantos.
No Alcaçar immortal da Sapiencia
Tu mereceste magestoso assento ;
He teu nobre troféo , não pompa infausta ,
Quaes são dos Reis Pyramides , e Bustos ;
Nelles se acaba a gloria , o nome expira;
O teu dalli começa , e dalli manda
Raios de luz , que resplandece eterna.
Entre tanta grandeza , e tanta gloria ,
Que no Mundo te dêo Sabedoria ,
Teve em teu coração throno a Virtude ,
Que inda tem maior preço , e mais valia ,
Que teu Compasso d'ouro , as Linhas tuas ,
As leis que dás , ou que suppões nos Astros.
Entre o fausto incivil, entre a grandeza
Podeste ser Filosofo modesto.
He nada sem Virtude a Sapiencia.
A inveja te assaltou , e a quem perdoa

Este monstro o maior do escuro Inferno?
Mas tu, qual n'Oceano erguido escolho,
Zombas das ondas, que bramindo estalão.

Oh! Feliz Albion, berço, e morada
Dos Sabios immortaes, que o Mundo assombrão,
Tu das Sciencias magestoso asilo,
Ouve a voz de hum mortal, que exalta o grande
Alumno teu, que interprete seguro
Foi das eternas leis, que os Astros regem.
O seu Saber adoro, e seu profundo
Engenho admiro, que rasgar soubera
O véo, onde mais denso, e mais compacto
Involve, occulta, e fecha a Natureza.
De hum louvor motivado a offerta acceita,
Escuta o Canto harmonico, que nunca
A' vil adulação soube acurvar-se.
Ouve a voz de hum Filosofo, que sempre
Poz em balança igual Choupana e Throno;
Que o ente racional n'homem contempla,
O mesmo berço, e tumulo, e mais nada.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

CANTO IV.

NUNCA o clarão da luz, que o Templo involve,
A' minha vista se esvaéce, nunca!
Em novo estado a Terra se me antolha,
Não qual era até alli, na sombra immersa
Da herança dos mortaes, torpe ignorancia,
Filha do cahos: fulgidos rodando
Eu vejo pelos Ceos mais claros Astros.
Descubro a humana habitação, banhada
De huma enchente de luz, que a tréva espanca,
De que era involta dos mortaes a mente.
Era frôxa a impulsão, que Sabios tantos,
Quaes Mestres do Universo, aos homens davão

Lições de Sapiencia em Grecia, e Roma
Em soberbos Lyceos; mas nunca o Templo
Aos miseros mortaes se abrio de todo!
Quando a barbarie Gothica domina
Por tão obscuros seculos no Mundo,
Dos continuos fenómenos a causa
Sempre ignorada foi. De espaço a espaço
Surgia hum Genio, que romper procura
A densa escuridão: baldado esforço!
O inaccesso volume ia fechado
Com sellos de diamante; ao braço humano
Não foi dado jámais despedaça-lo.
Qual no Inverno tristonho, e tenebroso,
Quando a fria, importuna, e grossa nevoa
Em torno fecha o ar: se o Sol brilhante
Rompe com vivo raio o manto espesso,
Subito foge, subito o negrume
Tapa de novo o fulgurante aspecto,
E da noite imperfeita o Imperio estende:
Da Natureza, e da Verdade estava

Dest'arte involto o rosto em véo sombrio :
Se algum frôxo vislumbre hum pouco o manto
Tentava levantar , mais carregada
Vinha cahindo a sombra da ignorancia ;
Ou porque o cego Peripato as luzes
Demorava continuo , ou porque ainda
O marcado Periodo não vinha ,
Na activa successão dos tempos todos ,
Que a mão, que o Todo rege , ás Artes marca,
Qual do seio do Nada , a voz do Eterno
Chama á vida politica os Imperios ,
E outra vez da existencia os leva ao Nada.
Quantos Genios estão no excelso Templo ,
A quem dêo berço a veneranda Italia ,
Antes que o grão Britanno a aura bebesse
Desta vida mortal ? Tilesio eu vejo ,
Admiro Cisalpino , e Bruno , aquelle ,
Que entre chammas fataes seu crime expia ,
E Cardano , qu'entre Arabes idéas
Centelhas fulgentissimas espalha ,

Nunca hum dia nasceo, que o Mundo aclare.
Tu mesmo, ó Galileo, teu passo apenas
O Peristilo do grão Templo toca.
Não te foi dado o Sanctuario occulto
Aos homens franquear. Germania hum Sabio
Produz, que aos Ceos se lance, os Astros pize,
E mais de perto a Natureza escute.
Kepler as Leis universaes sentia,
Que seguem na carreira ethereos Corpos.
E Galia, então n'aurora, então no berço,
De todo não conhece o Sabio eximio,
Que entre as nevoas d'Hollanda hum Mundo finge
De turbilhões, de vortices sonhados.
Nos jardins de Epicuro se assentava,
Renovador dos átomos errantes
Pensativo Gassendi, e em treva involto
Corpuscular Filosofia ensina,
Onde engenho só brilha, e nunca hum passo
A' só proficua experiencia avança;
E se mais á razão que á fantasia

Ouvisse o grão Germano, a quem patente
O eterno Templo foi das Artes todas,
Se as primitivas Mónadas, se aquella
Pre-existente, enfatica harmonia,
Hum pouco elle esquecesse, e proseguisse
Na contumaz observação das causas,
Mais cedo, e mais brilhante a luz raiára:
Do Livro do Universo os aureos Sellos
Aos olhos dos mortaes se espedaçárão.
    Mas o Britanno existe, a Terra he outra;
O que era só mysterio, o que era sombra,
Tudo foi Sapiencia, e Luz foi tudo;
Qual da sombra da noite o Mundo emerge,
Quando o disco do Sol da linha extrema
Do purpureo horisonte a nós se amostra:
De arcanos naturaes expoz a Cifra,
Rasgou da Natureza o véo sombrio.
Eis do infinito o calculo profundo
Póde forçar, abrir cerradas portas.
Da Sapiencia o Templo recatado,

Visto apenas de longe, entre inaccessas
Rochas alpestres de escarpados montes,
Se abrio de todo, se mostrou qual era.
Oh! Scena portentosa, oh! Quadro augusto!
Enthusiasmo, que em minha alma ferve,
Te contempla, te admira, e quasi adora.
Em teu claro, vastissimo horisonte
As gradações da Luz, da sombra vejo.
Empresa digna de espantar, por certo,
A rica fantasia, o fogo, a força
De Tintoreto, ou do Jordão pintando!
Ah! Não sei que ardimento interno eu sinto!
Irresistivel violencia aos Versos
Me leva todo; da memoria eu tiro
Thesouros, cuja posse eu mesmo ignoro!
Sobre mim me levanto alheio aos males,
Que de longe, e de perto em copia tanta
Terrivelmente Portugal quebrantão.
A Lyra Filosofica tactêo
N'hum domicilio humilde, ignoto ao Mundo,

Onde só sinto o estrepito da guerra,
Qu'entre si fazem, qu'entre si conservão
Daquelle mar tumultuosas ondas.
Eu vejo a luz, que a Terra a Newton deve:
De antigos evos Optica ignorada.
Ao genio indagador de Porta, e Sarpi,
Ah! Por certo devêo primeiro ensaio.
Vejo formada a analyse das côres,
E tudo eu devo aos calculos, ao Prisma,
Na luz, que era só vista, e ignota sempre!
Vãos systemas, que as gárrulas Escolas
Em fantasticos thronos collocárão,
Vão no abysmo cahir, donde sahirão.
A experiencia só corrige, emenda,
Quanto á teimosa observação se oppunha.
A nova Escola Eclectica se eleva
Sobre a verdade, e calculo somente.
Que Monumentos immortaes no Templo,
Cercados d'alma luz se me offerecem,
Depois que alto trofeo do grão Britano

Acabei de observar de assombro cheio!
Eis Euler, e Clairaut se me apresentão:
Sobre o Problema dos tres Corpos lanção
A base ao seu Saber, e altos progressos
Do magestoso, simplice Systema,
Tão claro em si, tão proximo á verdade,
Qual pôde conceber, e expor La-Place,
Immortal edificio alevantando
Sobre esplendente luz, que Sabios tantos
D'entre a sombra dos seculos lançárão.
Que larga enchente de Sciencia vejo
Correr dos Mathematicos principios!
Todos de immensa luz o ambito enchião
Daquelle Alcaçar consagrado á Gloria!
A nutação do eixo, em que se firma,
Em que rodando vai pesada Terra:
Do mar a exaltação, do mar a fuga,
Que fluxo, e que refluxo a prosa chama:
D'Astros primarios movimento eterno,
E Satellites seus, que ao centro tendem:

Dos Cometas excentricos, que o moto
Incerto sempre, irregular conservão,
Os constantes periodos se marcão.
A libração da prateada Lua,
Astro proximo a nós, mas sempre ignoto,
E do vento inconstante a origem vista
No equilibrio do ar, que oscila, e treme.
Rasgão-se obscuros véos, calculo exacto
De aproximar, e de integrar se encontra
Esculpido alli está, e se eternisa
Em fulgurantes pranchas de Diamante,
A longa duração de quasi hum cento
De annuas revoluções da Terra inerte,
Aos profundos Astrónomos a entrega
Fontenelle dulcissimo, que Mundos
Vio mais no espaço, que áridas Sciencias
Tanto soubera amenisar no estilo,
Que só parece producção das Graças.

A Germania, que hum tempo nua, e triste,
Historiador Filosofo nos mostra,

Alli Wolfio conserva, e o mostra ao Mundo;
Profundamente calculando, segue
Mathematica luz, que immensa espalha,
Em quanta a Terra vio Filosofia;
E com seguros vigorosos passos,
Da exacta Sapiencia entra o sacrario.
Em sombras metaphysicas s'entranha.
(Quadro bem digno d'attenção do Sabio,
Nunca em meus Versos ficarás inglorio!)
Os pestilentes halitos da Inveja
Quizerão denegrir Varão tão raro.
Entre agitadas borrascosas ondas,
Em seu peito existio tranquillidade,
Oppondo sempre aos venenosos tiros
Diamantino pavêz d'hum douto Escripto,
Com que os thesouros da Sciencia engrossa,
E mais alto lugar no Templo occupa.
Expulso dos Lycêos leva comsigo
Dentro do peito Estoica fortaleza,
N'alma a brilhante luz, que espalha em todas

As regiões da humana Sapiencia.
Ao rigor Mathematico sujeita
A abstracta theoria, ou cego abysmo
Das humanas paixões tumultuosas.
　Da nebulosa Hollanda os Sabios vejo
Do Templo augusto ornatos sublimados,
Que os brilhantes faróes do Tibre arrancão
D'entre as sombras, e pó de antigos évos,
E com douto trabalho esclarecidos
Ignorado thesouro ao Mundo offertão,
Aos olhos perfeição, luzes á Mente.
Ah! Porque foge á magica harmonia
De meus Versos seu nome? As Musas fogem
Do Scalda, e do Boristhenes, só margens
Do Sena, e Tibre, do Arno, e do Sebeto,
E do Tejo tambem, lhe aprazem ledas!
Depois que o Trace barbaro, e que o Scita
Do Eurotas, e Hypocrene as margens pizão.
De Hollanda a cerração, de Hollanda o clima
Não deixão de brilhar no Templo eterno.
*

Muschembroéke, e Gravesande illustrão
Da Fysica os confins; Boerhave a abstrusa
Sciencia de Epidauro ensina aos homens,
Qual nunca o Grego Hypócrates fizera:
Na região do Fogo incombustivel
Parece que passêa; a occulta essencia
Do Elemento voraz explica, e palpa.
Lugar no Templo tem, conspicua em tudo,
Antes que ao jugo Wandalo dobrasse
O tão nobre até alli, livre pescoço,
Nevosa Helvecia, n'huma só familia
Da Sciencia o deposito conserva.
Fadada para as letras Basiléa
Tantos Bernouillis dá, quantos os Sabios,
Claro ornamento da Sciencia exacta.

Onde outr'ora vi Grecia, e Roma via,
De Roma, e Grecia no sublime Templo,
Vi a imagem perfeita, e igual transumpto,
Quando da Galia omni-sciente os filhos
Immortaes alli vi, e em aureas letras

Gravado hum nome só — *Academia* —
Ou domicilio das Sciencias todas.
No vasto Erario de immortaes Volumes
Encerra, e fecha inteira a Natureza,
E a Natureza inteira aos olhos abre.
Não falece alli, não, pasmosa Italia,
Paiz tão caro aos Ceos, tão grato aos Sabios,
Fecundo berço das Sciencias todas.
Da Gothica invasão, naufragio horrendo,
Os thesouros salvou, que o Mundo espantão,
Que mais que as armas sustentárão Roma,
E no seio da Gloria inda a sustentão.
A espada não guardou do invicto Cesar,
Nem dos dous Scipiões o escudo, e a lança;
Do naufragio salvou de Tullio as Obras;
O tão douto suor de ambos os Plinios;
De Tacito tambem, a quem parece,
Que a Natureza dera a occulta chave
Do humano coração, seguro fio
No labyrintho das paixões humanas.

Do arduo Pindo, e d'Hypocrene os timbres,
Se inda a frauta de Titiro escutamos,
E o Marcio som da Homerica Trombeta
De Dido no destino, e no duélo
De Turno audaz, do piedoso Enéas,
E os proficuos trabalhos da cultura,
Que arranca á terra os providentes fructos.
Do Venosino a Lira alti-sonante,
Que, mais que a de Anfião, mais que a de Lino,
A Thebas manda se aproximem Montes,
E marchem pedras a formar-lhe os muros:
E os teus tambem, ó Sulmonense Apollo,
Os teus Versos, Ovidio, que disputão
A duração do Nilo aos monumentos,
(Pouco são as Pyramides ao Mundo!)
A ti se deve Italia, a ti somente.
Se do Romano Imperio a immensa mole
Em pedaços cahio, co' o baque horrivel
Fazendo o Mundo vacillar nos eixos,
Inda tu lho sustentas, tu lho guardas

Das Sciencias no Imperio, e na grandeza.
A ti, e aos filhos teus no Ethereo Templo,
Entre os Sabios do Mundo, adoro, e vejo:
Em tudo singular, tu grande em tudo,
Das letras na cultura o Mundo illustras;
Até do immenso mar cortando as ondas,
Descobrem teus Heroes hum Mundo ignoto.
Deixa Colombo as praias da Liguria,
Ao rompente Leão da altiva Hespanha
Novos Imperios dá, thesouros novos:
Americo seu nome eterno imprime
Do Globo á parte maxima, que corre,
Desde o Pólo do Sul, do Norte ao Pólo:
Ah! Nunca os passos avançáras tanto!
Déste ao Tejo opulencia, e nella a gloria;
Seu timbre hum tempo foi, mas hoje opprobrio,
O Sceptro, que lavrou, das mãos lho arrancão.
Ah! Quem nas Artes, que se chamão bellas,
Quem te póde igualar formosa Ausonia!
A magestosa Architectura he tua:

Nunca teve Persépolis, Palmira
Não vio subir ás nuvens enroladas
Essas marmoreas máquinas, que em restos
Do viandante a fantasia assustão;
Nem o Nilo banhou co'as turvas ondas
Soberbos Paços na confusa Menfis,
Que podessem comtigo equiparar-se
Na grandeza, na pompa, ó Vaticano!
Que forão teus pinceis, Parhasio, Apelles,
Se eu do Divino Rafael me lembro?
Escópas o cinzel cede a Bernini.
Em tudo Italia he grande, em tudo eximia!
Ah! Nunca os Brennos te pizassem, nunca!
Belligerantes torreões nos mares
De contrarias Nações, a Hesperia, a Galia,
A soberba Albion respeitão, guardão
Lenho, que leva La Peyrouse, e marcha
Com as raras producções, que a Natureza
Dêo aos climas d'Ocaso, e do Nascente,
Enriquecer a bellicosa Europa.

Não he de huma Nação, da Terra he todo
O sabio, que a riqueza aumenta ás Artes.
Tal acatada ser, tal tu devêras,
O' domicilio do Saber humano.
Não mereces que vão turvar-te as armas
Teus Sabios immortaes, teus Monumentos,
Que no seio da paz florecem, medrão.
Tudo em ti tinha o Mundo; as doutas Musas
Tinhão firmado em ti seu Templo, e Throno.
D'hum Vate acceita o pranto, acceita os votos,
Pois o Tejo te adora, e te conhece:
Entre as cultas Nações, tu só me illustras.
Nada grande sem ti no Mundo encontro;
E se em viva abstracção te roubo ao Globo,
Eu me chamára hum Lirico, se nunca
Tocasse a Lira harmonica, e divina
Impetuoso Filicaia, ou Testi:
Se nunca a Tuba de Torquato erguêra
O nome de Gofrédo aos aureos Astros,
A nenhum mais cedêra Epica Tuba,

Que canta o Mar vencido, o vist'Oriente:
E meditando a máquina do Mundo,
Eu só fôra o Pintor da Natureza,
Se Arrighi, e Conti co' os Pinceis não derão
A tão grande Painel mais alma, e vida.
Italia, Italia, do mortal mais livre
Recebe este tributo, e o voto acceita.

Das Musas me lembrei, deixando hum pouco
O Compasso, que mede o Mar, e a Terra,
E que o Templo, que vejo, enche de tantos
Sabios, que alli tem solio, alli morada.

Não cede alli Bolonha ao grão Tamisa,
Menos cede Florença, que se esconde
Entre amenos Jardins, serenas aguas
Do claro Arno, que serpêa, e manso
Os campos fertilisa, as flores nutre.
Entre clarões de luz marcha Zanotti,
Da Fysica Sciencia o Imperio estende.
Curvo, e velho Ricatti abstracto, e mudo
Em seu regaço Urania o reclinava;

De Newton nas fluxões mais luz derrama.
A's entranhas desceo da escura terra,
Laborioso Agricola, e descobre
A fonte dos metaes, talvez mais clara,
Qual depois de tres seculos a mostra
Luminoso Saber d'Anglia, e da Gallia.
Da Natureza no opulento Imperio
Vaguêa Valisneri, e abrange tudo
Quanto depois Buffon na rica veia
D'aurea eloquencia eternisou no Mundo.
Desce ao fundo do mar Marsigli, indaga
Quantos thesouros no seio encerra;
Tão vasto, e tão veloz, qual o Danubio
Desde a larga vertente á foz immensa,
Por onde ao negro mar se lança, e some;
Seu curso vai seguindo, e lhe levanta
Perduravel Troféo na douta Historia,
Que ha de durar por certo em quanto o rio
Ao mar correndo fôr, lavando os muros
De tão vastas Metropoles fastosas.

Manfredi , e Grandi, e Nicolai de assombro
Do Neva, e do Danubio os Sabios enchem.
Não mais, não mais a levantar-se atreve
O grande Imperio da Sciencia exacta!
Onde o claro Sebeto as aguas volve,
E ao perto ouve bramir, troar escuta
Do medonho Vesuvio o seio horrendo,
Chega á exacta Sciencia, e alli se accende
O desejo de abrir com aureas chaves
Da recatada Natureza o Templo.
Orlandi, e Galiani aos Astros sobem,
A estrada lhes franquêa o grão Maraldi
De Venus no clarão, na luz serena,
Quaes as vemos na Lua, encontra as manchas,
Como Bianchini as vio, profundo Briga:
Com Cassini outra vez se aclara o Mundo,
Com mais Astros o Ceo se adorna, e brilha.
Oh! Quanto a Italia, ó Galileo, te deve!
Tu della és timbre, e luminar do Mundo!

Mecanica, aos mortaes proficuo estudo,

Quanto, quanto em Parthénope te exaltas!
Alli mais se cultiva, e mais se apura
Do Maquinista Siculo o talento,
Que atalha os vôos das Romanas Aguias.
A força em tudo cede ás Artes sabias!
Quasi vejo surgir Numes na Terra,
A cujo aceno os corpos obedecem;
Mas são disposições, são leis profundas,
Que as sombras arrancou da Natureza
O estudo da Mecanica profundo.
Náos se suspendem, Diques se apresentão
A' furia sempre indomita dos mares;
Sobe hum rio em Marly, corre hum penhasco
A' ribeira do Neva, e a base fórma
Da estatua collossal, que representa
O immortal Creador do immenso Imperio,
Que pôde espedaçar da Europa os ferros,
E co' a espada afiança a paz ao Mundo.
No Pólo a frente eleva, e o dextro braço
Estende pelo Baltico, o sinistro

Já rompe pelo Bosforo, e segura,
Em quanto lhe aprouver, dos Reis o Throno.
Oh! Quanto deve o Tejo, oh! quanto ao Néva!

Sem a Italia meu canto erguer não posso,
Nem ver no Templo maravilhas tantas!
O Imperio Mathematico contemplo,
Muschembroécke, e Belidoro a guerra
(Dos Sabios guerras são, e o sangue ignorão)
Accendem entre si, disputão doutos,
Pondo em acção, e movimento os Corpos,
Que, quanto avanção mais, mór força perdem,
Té que interposta resistencia acabe,
Pela força da inercia, o movimento.
Do Sena, e do Tamisa os Sabios todos
De Newton, de Amontons nas Leis insistem,
Mas surge, e brilha o Bolonhez Palcani;
Onde co' as doutas máquinas não chega,
Mysterios da razão co' a força abrange.
Traça hum ramo hyperbolico, engenhoso,
Assintotico o diz, com elle explica,

Com elle aclara o disputado arcano.
Se as leis dos Corpos solidos se mostrão
Em manifesta luz, quanto escondida
Guardava a Natureza a Lei constante,
Que poz desde o começo ao Rio undoso,
Que elle no curso accelerado observa!
Mil equações algebricas a escondem;
Rasgão-se em fim mysteriosas sombras.
Depois de quanto affan, de quanto estudo
Tu, Saladini, a theoria expunhas,
Que escólho da Mecanica se chama,
Não superavel quasi a engenho humano!
Tu déste a Hydrodinamica pasmosa,
Teu Hemisferio Hydraulico os louvores
Do taciturno pensador La Grange
Te soube merecer! Ricati o grande
Te abraça terno com silencio augusto,
Sobre teu rosto lagrimas derrama;
Do sabio velho a candida ternura
Mais te explica, e te diz que o louro, o premio,

Que Berlim te mandou, promette o Sena.
Os teus cuidados, as vigilias tuas
A' Sciencia dão luz, que os Ceos abrange:
Por ti seu Reino estende a Astronomia;
Desde o culto Caldeo, do douto Egypcio
Té quasi ao berço teu jazia em sombras;
Nada avançado tinha Arabe estudo,
Guardador do deposito das Letras,
Que á furia se evadio do Turco indouto,
Depois que a sabia Grecia arrasta os ferros.
Nem mesmo entre os de Dánia agrestes montes,
Onde Tycho elevou seu tubo aos Astros,
Solar Systema se aclarou de todo:
Mas apenas os Ceos co' a mente excelsa,
Sem te assustar o espaço indefinito
Ousaste passear, como vencida
Da sabia audacia a Madre Natureza,
Fazes que á Terra o Ceo se aproximasse,
Ou que a Terra de perto os Astros visse.
Leis occultas té alli se patenteão.

Seguindo a piza ao Fundador, ao Mestre
Da Sciencia Astronomica, empunhando
Teu Telescopio o singular Campani,
De Saturno os Satellites descobre
Quasi todos então: busca as Estrellas,
Que immortal Galileo primeiro achára,
(Luas de Jove são;) fanal aos Nautas.
O espantoso fenómeno nos mostra
Da Luz Zodiacal; co' a paralaxe
Do medonho, sanguineo, acceso Marte
A distancia marcou do Sol á Terra;
Distancia, que confunde a mente humana,
E que a luz n'hum momento abrange, e corre.
Sabio traçou Meridiana Linha,
E por ella nos mostra o variante
Móto veloz da Terra ao Sol em torno.
Dos Ceos no immenso, e luminoso Livro,
Quasi de todo aberto, os homens lêrão.
Foi-lhe sujeita a abobada brilhante
A rádio mathematico, qual era

O mortal domicilio aos homens dado.
Parallaxe annual d'altas Estrellas,
Que engastadas nos Ceos fixas se mostrão,
Idéa falsa se anniquila, e foge;
A lei da aberração mostra a verdade.
Nos altos Ceos os Astros contemplando,
Já sabios vão determinar da Terra,
(Humana habitação) figura ignota
A' debil luz da Estôa, e Peripato,
Ao Bosque de Académo, ao Tibre ufano,
Por vêr as Aguias tremular no Hydaspe,
Em pesados grilhões gemendo o Mundo,
Quasi se mostra a longitude ignota.
No vasto mar, por onde em leve pinho
Intrepido mortal dá volta ao Globo,
Circumnavegação, cuja alta idéa
Me escalda sempre a livre fantasia.
Eu do Templo m'esqueço, ao mar me entrego!
Quanto se eleva ao Ceo, quanto s'exalta
Entre as Artes maior das Artes todas!

A portentosa Nautica! Descubro
Nella a prova maior do engenho humano!
Nella o laço commum dos Povos todos!
Fôra estranho a si mesmo o térreo Globo,
Ignoto o vasto Mar, e a Terra ignota,
Se a tal ponto de audacia, ou de virtude
O humano coração não se elevára!
Do Mar a agitação, do Vento a furia
Com fragil lenho voador se embrida.
Sentado em ligneo throno, e fluctuante
Apparece o mortal Rei do Universo;
A seu arbitrio o Mar divide, e rasga.
Ao fixo Luminar no immobil Polo
Manda que os passos lhe dirija incertos
Pela campina azul, que se confunde
Co' a extrema linha d'horisonte escuro,
Que sempre vai fugindo, e quando a nuvem
Com densos véos lhe esconde o brilho eterno,
Manda á Terra que abrindo o seio escuro
A sympathica pedra lhe offereça,
*

Ao ferro equilibrado a força empreste,
E busque irrequieto o Polo algente.
Se o Sol, rompendo os véos da noite escura,
Parece vir subindo, até que toque
O ponto do Zenith, mede-lhe a altura
O denodado Nauta, e determina
Em que parte do Globo o Lenho exista.
Té na immensa distancia, onde rodando
O Globo vai do desmedido Jove,
De seus claros Satellites seguido,
Imperiosa voz do Nauta escuta.
Do mortal a grandeza, a dignidade,
Se o contemplo no mar, no mar a vejo.
Ah! Foi creado o Arbitro dos Seres!
He hum Sol eclipsado, inda tem brilho;
Mas interpoz-se a sombra do peccado
Entre o mortal, e o Ceo, feio negrume
Lhe involve o coração, lhe offusca a mente!
Do Templo augusto nos umbraes m'entranho,
Onde esculpidos em Brilhantes vejo

Do Sabio as producções, do Sabio o estudo.
Incessante Fadiga a luz derrama
No arcano presentido, ind'hoje ignoto,
Da obliquidade do angulo, que hum pouco
Em cem annos na Ecliptica decresce.
Quasi perdem seu tom da Lira as cordas,
Quando dest'arte o labyrintho encaro
Da linguagem dos Calculos, que he sombra,
Que estrema immensamente, e que divide
O frio Euclides do fervente Milton.
Ah! De Ariosto aos extasis divinos
Calculador pousado em vão se ajusta!
Avesado a correr no immenso Imperio
Da Fantasia pródiga de Mundos,
Que a seu sabor do Nada ou cria, ou chama.
Nos confins do Geometrico Compasso
Anciado me volvo, e aqui não posso,
Como nos Cantos do encontrado Oriente,
Soltar hum vôo rapido aos abysmos,
Vêr o feroz Satan, que rompe as sombras,

Espantado ao clarão dos Sóes, dos Astros,
Quasi doer-se da revolta antiga,
Que em sempiternos carceres o fecha,
Donde a furto sahindo, em pranto torna
A ferrolhar-se em lôbrega morada.

Como indignado das prescriptas metas,
Achadas até alli no espaço ethereo,
Herschel sobe mais alto, além das tardas
Luas, que escoltão frigido Saturno;
Lá corre, e vai seguir na marcha Urano:
Leva comsigo Carolina, e ambos
Revolução continua, e vária encontrão
No luminoso annel, que cinge o Globo.
Bem distante de nós julgar se deve
(Se neste espaço indefinito o vemos)
Girar em torno ao Sol Pallas, e Vesta:
Por este espaço immenso, indefinito,
Onde aos olhos mortaes s'escondem muitos
Globos, que formão Planetar Systema,
De todo inda não visto, inda ignorado

De Oberst, Arding, de Piazzi aos tubos,
Que os seculos por vir farão patentes.

De mais perto se observa a argentea Lua,
Gelados montes tem, gelados mares,
E as fornalhas do abysmo, que vomitão,
Qual horrendo Vesuvio, ardentes chammas.
Mas nunca em clara luz saber podemos
Se he do Ser pensador tambem morada.
Em tão vario Satellite da Terra
Não se descobre, como em nosso Globo
A atmosfera diafana, em que os Entes
Só podem vida ter, só movimento.
Porem quem pode prescrever limites
Aos esforços de eterna Omnipotencia?
Da immensa creação no immenso Imperio
De outros orgãos talvez, d'outra figura
Sejão dotados semoventes Seres,
Que habitadores de tão vastos Corpos,
Como na Terra nós, no espaço vivão!
Mas ousada de hum Vate a fantasia

Encolhe as azas, e de hum Deos escuta
Revelados Oraculos somente.
Mais que a razão, e que os sentidos póde
A luminosa Fé... Mortal, silencio!
Os véos, em que se involve o escuro arcano,
A morte rasgará, e em Deos veremos
O que a minha alma ignora, ignorão todos.

Co'a Sciencia Astronomica já vive
O mortal morador no ethereo assento!
Desgraçado Bailly, fuma o teu sangue
No cadafalço vil; tua alma agora,
Já sôlta das prisões, lá vê nos Astros,
Se o grão discurso teu falhou no Mundo.
Se a Terra, dizes tu, se outros Planetas
Por centro de seu giro o Sol conhecem;
Talvez que os Sóes, que fixos, que engastados
Parecem ser na abobada azulada,
Tenhão centro commum n'hum Sol mais puro,
Mais vasto, e luminoso, e que descrevão
Em roda delle essa Orbita assombrosa,

Que mais remotos tem limite, e termo,
Que infatigavel Calculo lhes marca:
La Lande a imaginou, La Lande a sente,
Mas foge, foge ao numero das cifras,
A's equações algebricas se esconde.
Virá talvez hum tempo... (ah! Se na Terra
Não tornar a surgir Wandalo Imperio!)
Em que nos mostrem Lentes mais polidas,
E d'outra sorte architectados tubos,
Que foi verdade, e luz tão vasta idéa!
Depositada está n'aureo volume,
Que sobranceiro ao sangue, ao cadafalço
Não ferio com Bailly furor de Tigres!
Que escondidos nas lôbregas cavernas
Sem cessar vão sapando Altar, e Throno,
Ao Mundo dando Leis, aos homens ferros,
Que afugentão virtude, e o crime escorão.

Não foi sem fructo, não, nem foi deleite
A Sciencia Astronomica entre os homens;
Quão vantajosa luz no Mundo espalha!

São dignas só de apreço as Artes uteis.
Quão proficuo aos mortaes he Nauta ousado!
O' Patria minha, a gloria esvaecida,
Que, qual fumo, voou, e a que inda resta,
Tudo a teus Nautas immortaes o deves!
Abrio teu Gama as Portas d'Oriente,
E seu nome cançou da Fama as azas.
Os teus Lenhos undi-vagos cercárão,
Dos homens com espanto, o Globo inteiro,
E nos seios do Mar, nas Ilhas suas,
Dos Lusos se conserva o nome intacto,
E sem quebra, e sem sombra a gloria, e fama.
Pôde mais o valor, mais o denodo
No Peito Portuguez, que as Artes todas.
O seculo inda he rude, inda dos Astros
Mutua gravitação inda era ignota,
Inda Kepler as Leis não tinha exposto,
Que em sempiterno movimento guardão;
Newton calculador, Kepler profundo,
Da longitude os cálculos não certos

Do Sol, da Lua, a parallaxe; nada
Ha mister Magalhaens; honra, e vingança,
Eis todo o Globo circundádo, e os Mares
Aos pés de hum Portuguez submissos ficão,
Acção talvez maior do esforço humano!
Fica extincto o valor nos Lusos peitos,
Depois que estranhas Leis o Tejo ouvíra.
Do Mar o Senhorio então transfere
A mãos Britanas o Senhor dos Mundos.
De Varenio a fadiga illustra hum Newton;
Correm Bretoens o Mar, e o Globo cercão;
Vão, levados de sordido, e terreno,
Insaciavel interesse de ouro,
Vão illustrar com tudo, e dar grandeza
A' vasta esfera das Sciencias todas.
Vai Cooke, vai Byron cercando a Terra
Por inda não tentada, incerta via;
Então suspendem denodada marcha,
Quando em gelado mar, gelada terra
Da Natureza no Decreto attentão,

Que atraz lhes manda bracear as vélas,
Virar de bordo a conhecido clima,
Que onde a Terra acabou, findar se deve
O trabalho mortal, o amor da gloria.
O' nome Lusitano! O' Patria minha!
Eu culpo o teu silencio; a huma virtude,
Que se apraz de esconder-se, eu chamo inercia.
Mede o grão Newton com Compasso de ouro
Quanto Varenio descrevéo na Terra,
Foi Cook, foi Byron, foi Bougainville,
Qual Anson foi guerreiro, e os Mares girão:
Do Continente Austral foge o Fantasma,
Que o frugal Hollandez laborioso,
Rico sem luxo, grande sem soberba,
Julgou grande porção do Globo, e sua.
Assombrado do gêlo atraz voltava;
Mas nunca hum passo além co' o Lenho ousado
Da terra foi, que descobríra hum Luso;
Magnanimo Queiroz, deste-lhe hum nome
Para ti foi brazão, e he meta aos outros

De nebuloso Sul prescrutadores:
A gloria de buscar no Mundo hum Mundo,
Se ao pensativo Bátavo pertence,
A pertinaz navegador Britano,
No Tejo as bases tem, no Tejo a fonte;
Mais além de Queiroz nenhum se avança.
Foi entre tantos Magalhaens primeiro;
Todos de hum centro os raios se derramão,
Que vem tocar d'hum circulo os extremos.
Tal do seio de Lisia a luz emerge,
De que os Povos da Europa recebêrão
O perpetuo clarão, com que hoje médrão.

A'vante passo, attonito contemplo
Nas paredes do Alcaçar esculpido,
Quanto a vetusta Fysica ignorava
Sobre a essencia do ar; nua a verdade
Se me descobre, e manifesta aos olhos;
Piza-se a immensa fluida substancia,
E já senhor do Mar n'hum curvo Lenho,
Não lhe basta ao mortal da Terra o Sceptro,

Se o dominio não tem dos livres ares.
Lá sobe, lá passêa, e vê seguro
Debaixo de seus pés cruzando os raios.
De Architas já não lembre a argentea Pomba,
Goza maior prodigio a idade nossa.
Eu vejo pelo ar volantes Carros,
Quaes os baixeis arfando as ondas cortão,
E nelles os mortaes tranquillos vejo,
Sem temer o despenho, e deslembrados,
Que affrontada dest'arte a Natureza,
Tire vingança da famosa injuria.
Eu vejo o golpe, e victima primeira
Em Rosier intrepido, que sobe:
Elle primeiro foi, mas prestes passa
Do regaço da gloria ás mãos da morte.
Porem mais uteis os trabalhos véjo
Dos grandes Sabios, que a verdade indagão.
Eis a fonte de incognitos arcanos
Dos absortos mortaes patente aos olhos;
Eis o electrico fluido pasmoso,

De fenómenos mil a causa ignota.
Do acceso raio a Patria se conhece,
He das nuvens a electrica peleja.
Se trôa, se rebrama o escuro inferno
Dentro do bojo do Vesuvio, e exhala
O fumo, que se espande, e o Ceo nos rouba;
E o diurno clarão transforma em noite,
E aquella chamma, que conduz estragos,
(Foi destes o maior de Plinio a morte)
Aqui descobre o Sabio Electricismo....
Legislador Americano, os Evos
Teu nome guardarão, Nollet, teu nome
Do Templo nas abobadas gravado
Eternamente vivirá, se as Artes
Barbaridade, que estermina tudo,
Quizer poupar d'alluvião de ultrajes,
Que ás Leis, á Natureza, aos Ceos tem feito.
Com vivas cores debuxada vejo
A multi-forme Boreal Aurora,
Mairan seguindo os calculos profundos

Expõe a causa aos seculos ignota,
Da Atmosfera Solar porção tirada,
Por veloz rotação do terreo Globo,
Ao ar então se communica espesso,
Que as tristes regiões do Polo abafa.
Tu, de Bérgamo o timbre, ó Sabio illustre,
Tu, Savioli, que na Lira d'ouro,
Juntando aos magos sons Filosofia,
Cantaste os dons de Eráto, os dons de Urania,
A' semi-racional Laponia fria
Foste observar de perto o quadro acceso
Do Boreal Fenómeno, tu viste
Nos gêlos, que nos Ceos vão confundir-se,
A reflexão dos luminosos raios
Tantos, tantos Listões formar nos ares,
Que pelas vastas regiões das sombras,
Ou da morte talvez, lhes suprem dias,
Que hum ligeiro crepusculo parecem.

Das Artes o progresso alli contemplo,
Indagadora Chimica, que tanto

Da Europa pelos angulos se acclama,
Com tal furor, que he mais que enthusiasmo.
Interprete fiel se diz da vária,
Em suas Leis occulta, Natureza.
Já de antigos delirios despojada,
Se ella analysa os simplices, não busca,
Lisongeando sordida avareza,
As pedras converter (que insania!) em ouro!
Té mãos Imperiaes viste, ó Florença,
Depondo o Sceptro, tactear Cadinhos,
Tanto pode o prazer, pode o prestigio!
Mas se delles a Purpura não foge,
Fogem por certo as Musas d'espantadas.
Nega-se a Lira a barbaros, e escuros
Termos, que jurão sanguinosa guerra
Do metro Luso á magica harmonia;
O Pierio calor, que o peito agita,
Que descendo dos Ceos, n'alma s'entranha,
De todo se amortece, e se dissipa,
Se fugindo das lúgubres fornalhas,

Ousados vem barbarisar meus Versos
Hydrogenios , Azotes , Oxigenios.
Não te negão porém lugar, nem gloria,
Lavosier illustre, e desgraçado,
Indagador Filosofo profundo,
Que hum momento de vida inda pediste
Ao barbaro Tyranno (ai dor!) que corta
No cadafalço vil tão aurea têa,
Para arrancar da Natureza ao seio,
O que guardavas portentoso arcano,
Que viria dar luz, dar gloria á Terra.
A vida não choraste, a perda choras
D'huma verdade, que comtigo em sombra
Perpetuamente no sepulchro existe,
E que talvez os seculos não mostrem!

Nem do Globo as reconditas entranhas
Do Sabio indagador ás vistas fogem:
Nada esquecido está! Henckel, Bomare
Das minas vão romper trevas espessas;
Perdem da vista o Ceo, da vista o dia:

A' debil luz de pallida lanterna
O profundo vão vêr Laboratorio ,
Em que os metaes prepara a Natureza ;
Dos homens os quiz pôr longe , e bem longe.
Vio que do ferro só , não liso arado ,
Mas dura espada fabricar devião ,
E do bronze os Canhões , que o raio imitão
(A tanta assolação se chama gloria !)
Mais o ouro escondêo no abysmo , e sombra ,
De lá se arranca , se conduz ao dia ;
Devendo ser do mérito a corôa ,
Quasi sempre he do crime o premio , e causa ,
E estimulo do mal nas mãos dos homens.

Mas eu duros metaes deixo nas sombras ,
Distem pouco do Inferno , eu busco o Quadro ,
Que tão visivel mostra a Natureza ,
Só digno dos mortaes , sublime estudo !
D'alma Sciencia fonte exuberante !
Das mesmas Artes mãi , qu'estende o Imperio
Por onde o ar s'estende , o mar fluctua ,

A Terra he conhecida, os Seres vivem.
Desde o vasto Elefante á variada
Borboleta gentil, que as flores beija;
Da gigantesca, colossal Balêa,
Ao pequenino, lucido Testaceo,
Que quasi hum grão de arêa á vista foge;
Desde o Cedro soberbo á relva humilde,
Que do prado he tapiz, dos gados pasto;
Estudo liberal, que a engenho humano
Vasto campo descobre interminavel!!
Que orgulho scientifico confunde
Com tanto vário differente objecto,
Que imperceptiveis relações conservão:
Quaes anneis entre si, ligados sempre,
Que essa cadêa portentosa formão,
Que prende, e tem principio em Ser Eterno.
Tão vário estudo glorioso, e bello
Tanto mais se cultiva, e mais florece,
Quanto he menos pesada, e menos densa
Nuvem, que assombra o social Estado.

Eu tudo via, e meditava absorto!
Mas repentinamente hum véo s'estende,
Tudo foge a meus olhos, e se esconde,
Qual nos rouba da vista o Sol brilhante
Hum grupo espesso de pesadas nuvens.
De meus sublimes extasis desperto,
E me vejo na Terra escura, e triste,
Habitação do crime, e da desgraça,
E me parece que chegára o tempo,
Promettido no extatico Profeta!
Abrio-se o poço do profundo Abysmo,
E do fundo infernal aos ares sobe
Grossa columna de medonho fumo;
Espande-se, dilata-se, cobrindo
A Terra toda de palpaveis sombras,
Por onde Insectos denegridos girão;
Tudo corrompem, contaminão tudo
Onde chegão co' as azas pestilentes.
Tremem nas bases vacillantes Thronos,
Rompem-se os laços sociaes dos homens,

As Leis não tem vigor, preço a Virtude,
E nas mãos da Justiça ou vérga, ou quebra
A n'outros tempos inflexivel Vára.
Destas sombras rompendo atroz Fantasma,
A pavorosa frente ao ar levanta,
Ao portamento, á vóz, ao gesto, a tudo
Eu conheci (que dor!) Barbaridade!
De Omar a curva Simitarra empunha
Na dextra mão; na esquerda arvora o facho,
Com que a cinzas reduz vastos thesouros,
Que do humano Saber, das Artes todas
Em seu seio encerrava Alexandria;
E se me antolha que na Patria minha
O fumo sobe ao ar, e a chamma estala,
Que são montões de lastimosas cinzas
Das Musas todas as vigilias doutas.
Mas hum Genio batendo as niveas azas
Vejo descer da Abobada Celeste,
O medonho Fantasma se esvaéce,
O dia torna, a sombra se dissipa;

Os Insectos feissimos de chófre
Entrão no poço do afumado Inferno;
Eternamente a tampa se afferrolha.
No meio do clarão vejo no Throno
Cercado de esplendor MIGUEL Primeiro.
O Genio a voz erguendo ao Throno aponta,
E com celeste accento assim me exclama:
Mortal, a quem foi dado entrar no Templo,
Onde alvergue quiz ter Sabedoria,
Olha o Monarcha teu, confia, exulta;
Não fabuloso Hercules expurga
A Lusitana Terra, a herança sua,
C'hum golpe só, de barbaros, e monstros:
Instantanea fugio Barbaridade,
Vem o Reino da Paz, com ella as Artes:
Já fez do Cahos recuar o Imperio;
Hum dia prometteo, que traga ao Mundo
A luz, que a Grecia vio, quando na Escola
O Genio de Estagira absorta ouvia,
E Platão facundissimo lhe expunha

A cadêa, que aos Ceos vincúla à Terra,
Nesta infinita gradação dos Entes,
Que de eternos protótypos são copias.
Quando ardente Demósthenes da bôca
De aurea eloquencia as ondas derramava,
Como agitado de furor divino,
Os violentos Déspotas suspende;
Quando na Lira Pindaro subia
Os vôos remontando além das nuvens,
Dando vida aos Heroes, fama á Virtude:
A luz já vista fulgurar em Roma,
Quando Augusto a seu lado assenta Horacio.
Da Latina Republica a grandeza
Com seu saber o portentoso Tullio,
Mais que Cesar co'as armas, dilatava.
Luz, que tanto brilhou, depois mais clara
Do Decimo Leão no Imperio eximio,
Quando o Segundo Julio ás Artes ábre
O Têmplo, que até alli fechárão Godos.
Quando no Tejo as portas d'Oriente

Ditoso Manoel forçar podéra,
Dando a vêr ás Nações mais largo o Mundo,
Dando nomes ao Mar, limite á Terra.
A luz, que a França vio brilhar mais pura,
Quando o Grande Luiz subíra ao Throno,
Que eterna Fama, eternos monumentos
A' grão roda dos seculos deixára.
Dictando as condições de Paz, da Guerra,
A' Oliveira pacifica enlaçando
Da victoria alcançada eternos louros,
A Frente enramará sua, e do Vate,
Que o nome do Monarcha aos Ceos erguendo,
O seu tambem na Terra immortalisa.

FIM.

DECLARAÇÃO.

Este Poema, muitas vezes interrompido, e muitas continuado com longos intervalos, foi concluido no principio do mez de Maio deste anno de 1830. Vai todo escripto pela minha propria mão, e he minha vontade, como ultima disposição, que este Original fique para sempre depositado na Bibliotheca do Real Mosteiro de Alcobaça, pela veneração que consagro á Congregação de S. Bernardo, e peço ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, e Esmoler Mor, que ao presente he o Senhor P. M. Doutor Fr. José Doutel, que assim o mande executar. Sitio

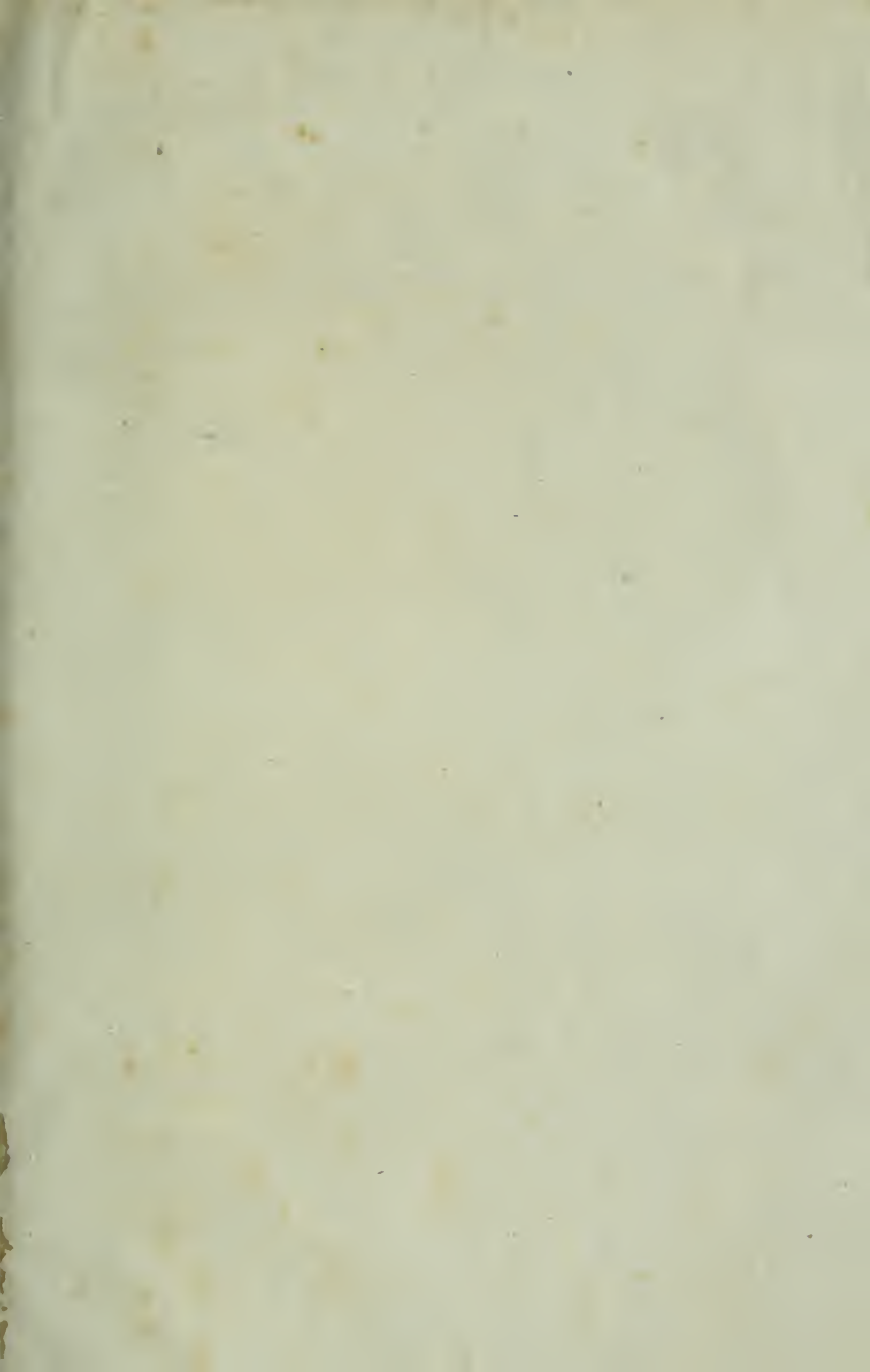
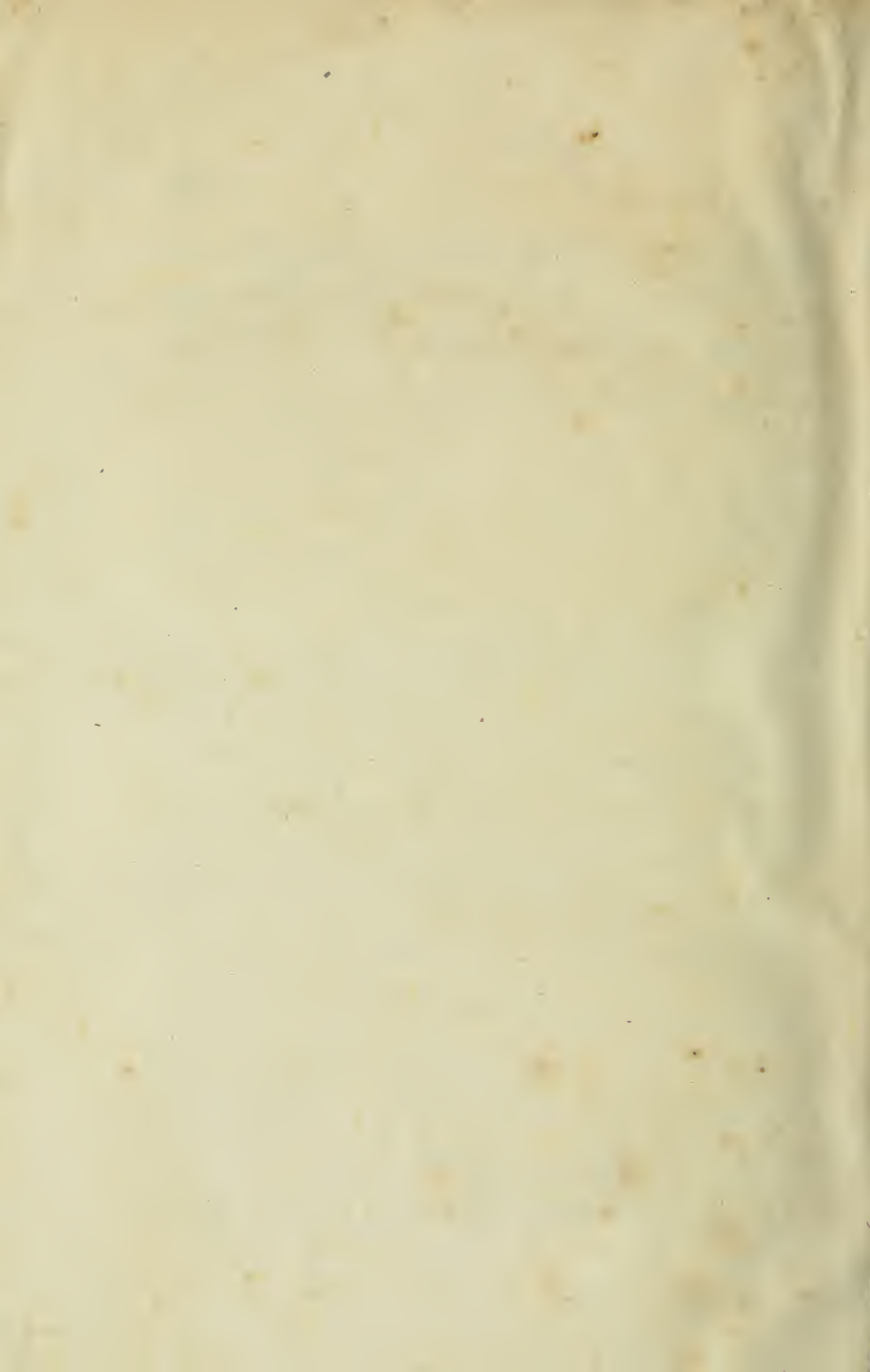
de Pedrouços, junto a Lisboa, e lugar da minha morada, hoje 27 de Junho de 1830, aos 64 para 65 da minha idade. — José Agostinho de Macedo.

Certifico que esta he a propria letra de José Agostinho de Macedo, de quem recebi pessoalmente este Poema com a sua prévia advertencia. Desterro 2 de Julho de 1830. — Fr. Joaquim da Cruz, Procurador Geral da Congregação de S. Bernardo em Lisboa.

He verdade ser este Poema todo escripto por José Agostinho de Macedo, o que affirmo por lhe conhecer perfeitamente, e ha muitos annos, a sua letra, e a ter visto repetidas vezes. Lisboa 2 de Julho de 1830. — Fr. Alvaro Vahia, Secretario Geral da sobredita Congregação, e da Bulla da Santa Cruzada.

Deposite-se, e conserve-se com todo o cuidado na Livraria manuscripta do nosso Mosteiro de Alcobaça. Lisboa 3 de Julho de 1830. — Fr. José

Doutel , Dom Abbade Geral , Esmoler Mor.

Reconheço os quatro sinaes *supra.* Lisboa tres de Julho de 1830. — Em testemunho de verdade — Luiz Heduviges Teixeira Machado.

Vende-se no Porto na rua das Hortas n.º 82 a 84, rua dos Caldeireiros em casa de Cruz Coutinho e na rua de Bellomonte em casa de D. Ignacio Correia.

Nos mesmos logares se acham á venda os seguintes Poemas do mesmo auctor:

A Natureza; A Viagem Extatica ao Templo da Sabedoria; A Meditação; Newton e uma biographia do auctor acompanhada do seu retrato e d'um cathalogo de todas as suas obras